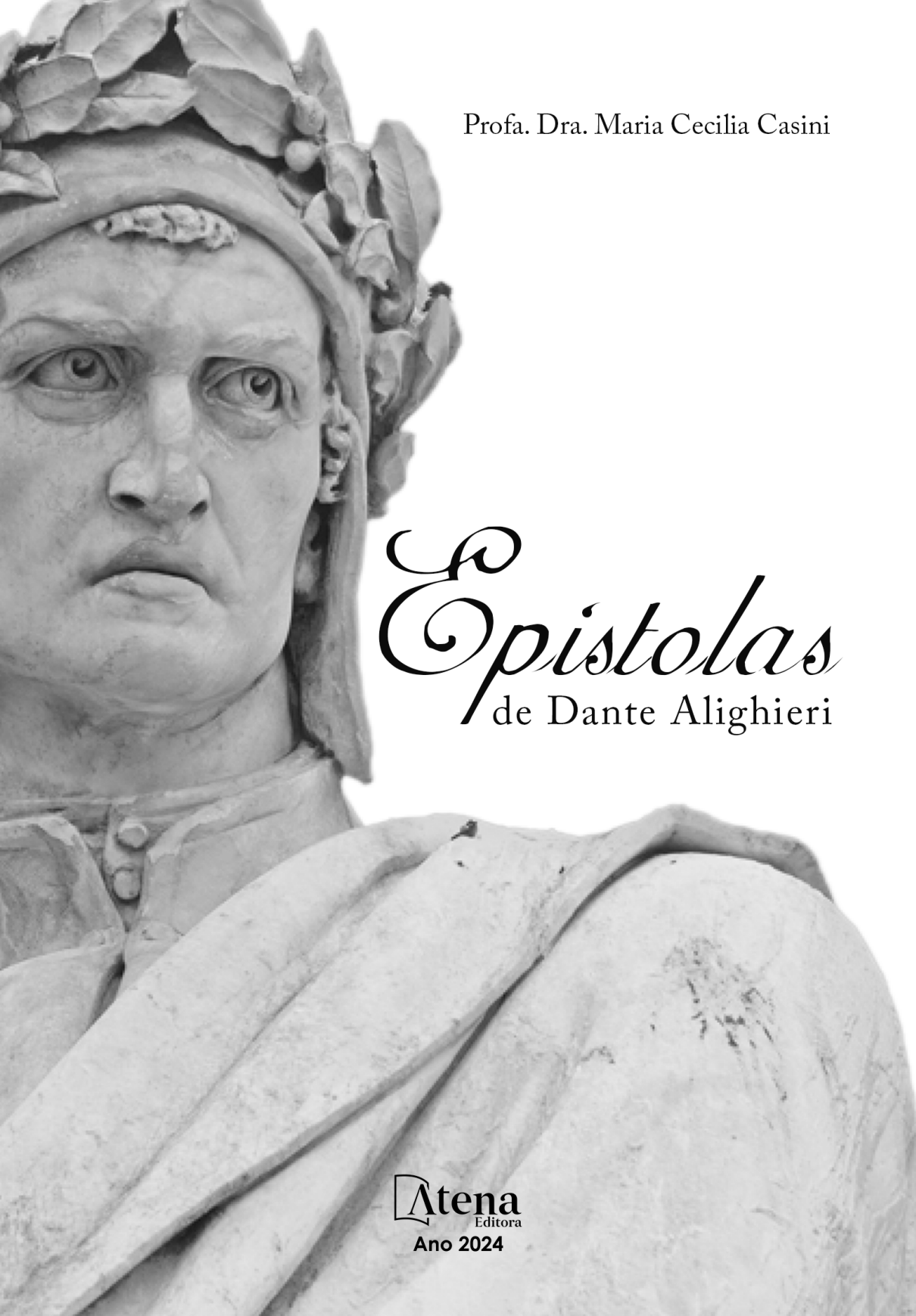
Profa. Dra. Maria Cecilia Casini

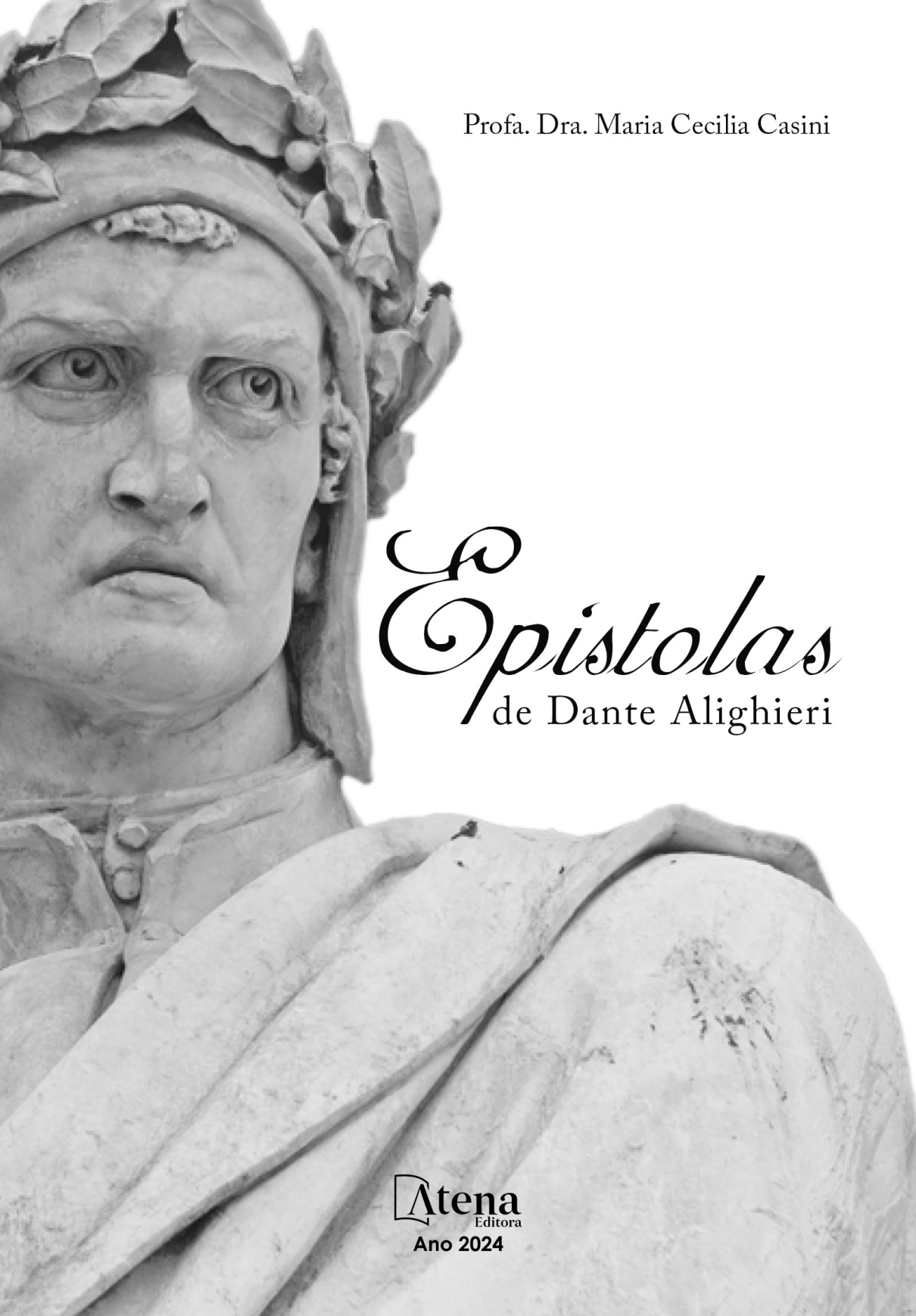
Epístolas de Dante Alighieri



Atena Editora
Ano 2024

Profa. Dra. Maria Cecilia Casini

Epístolas de Dante Alighieri



Atena Editora
Ano 2024

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Camila Alves de Cremo
Ellen Andressa Kubisty
Luiza Alves Batista
Nataly Evilin Gayde
Thamires Camili Gayde
Imagens da capa
iStock
Edição de arte
Luiza Alves Batista

2024 *by Atena Editora*
Copyright © Atena Editora
Copyright do texto © 2024 Os autores
Copyright da edição © 2024 Atena Editora
Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.
Open access publication by Atena Editora

Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva da autora, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos a autora, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial
Linguística, Letras e Artes
Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão e tradução: Isabella Tavares Sozza Moraes
Autora: Profa. Dra. Maria Cecilia Casini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C339 Casini, Maria Cecilia
Epistolas de Dante Alighieri / Maria Cecilia Casini. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2093-4
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.934241601

1. Dante Alighieri, 1265-1321 – Crítica e interpretação. I. Casini, Maria Cecilia. II. Titulo.

CDD 851

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DA AUTORA

A autora desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Em uma passagem da obra *Vita di Dante* (1436), Leonardo Bruni descreve a *gravitas* do poeta florentino, reconhecendo que ele foi um homem de uma estatura decente, de grave aspecto, preciso em suas palavras e respostas. No campo das artes, era versado nos rudimentos da música, no desenho e nas letras, e sua poesia e caligrafia eram perfeitas e corretas. Bruni reconhece esses aspectos nas obras de Dante, amplamente citadas em toda a *Vita,* e nas diversas cartas escritas por ele (2013, p. 834):

> *"Fu ancora scrittore perfetto, et era la lettera sua magra et lunga et molto corretta, secondo io ho veduto in alcune epistole di sua propria mano scritte."*

Esse testemunho, ao lado de diversos outros do período, como os de Boccaccio, Giammario Fidelfo e Giovanni Villani (cf. Jacomuzzi, 1983, p. 326), por exemplo, sugerem que a prática epistolar era comum para o poeta florentino. Entretanto, pouca parte desta produção chegou até nós: desse amplo número de cartas escritas, restaram completas apenas treze, distribuídas em um largo espaço temporal da vida de Dante. Não seria imprudente, desta forma, repensar à importância desses documentos, dado que o poeta da *Comédia* é também o autor de obras de grande envergadura, como a *Vita Nuova,* a poesia lírica, o *De Vulgari Eloquentia,* o *Convívio,* a *Monarchia,* em língua vulgar e latina.

As epístolas não seriam, a nosso ver, um conjunto de obras *menores,* epíteto que costuma-se atribuir nas modernas edições; ao contrário, elas apresentam aspectos fundamentais da vida do poeta, articulando à política, às letras e à filosofia de seu tempo. Ao lado da prática poética, Dante se relacionou com os principais acontecimentos de seu tempo, especialmente nos embates entre o Império e o Papado. Vale destacar que a leitura da obra latina *menor* de Dante também é de tradição recente na crítica e filologia italianas: até o século XIX foram poucas as edições completas. Por fim, a tradução e edição das epístolas do poeta florentino nos parecem fundamentais para a compreensão da prática epistolar do século XIV italiano. Dito isto, dividiremos nossa breve introdução dessa edição em três blocos centrais: o primeiro, que traça algumas considerações sobre o gênero epistolar, na antiguidade e na Idade Média; em seguida, trataremos das preceptivas italianas, fundamentais para a compreensão do gênero; e, por fim, falaremos mais amplamentedas epístolas de Dante, apontando possíveis divisões e classificações.

EPISTOLE

DI

DANTE ALLIGHIERI

EDITE E INEDITE

AGGIÚNTAVI LA DISSERTAZIONE INTORNO ALL'ACQUA E ALLA TERRA
E LE TRADUZIONI RESPETTIVE A RISCONTRO DEL TESTO LATINO
CON ILLUSTRAZIONI E NOTE DI DIVERSI

PER CURA

DI ALESSANDRO TORRI

VERONESE

Dottore in Belle Lettere e Socio di varie Accademie.

IN LIVORNO

COI TIPI DI PAOLO VANNINI

M. DCCC. XLII.

Imagem 1: Edição do século XIX das epístolas latinas e sua tradução para o toscano por Alessandro Torri.

Ao contrário de boa parte dos gêneros poéticos e retóricos antigos, como a poesia épica, a tragédia e a própria arte oratória, a prática epistolar careceu de uma sistematização no mundo helênico e latino. As definições do gênero, portanto, foram se estabelecendo à medida em que elas foram praticadas no mundo antigo, especialmente no latino. Os pesquisadores Roy Gibson e Andrew

Morrison (2007: 4) destacam, como principais características comuns do gênero: i) uma mensagem escrita de uma pessoa à outra; ii) em um suporte físico, como uma tábua ou um pergaminho; iii) empregando fórmulas consolidadas de saudação e despedida; iv) sendo que ambas as partes envolvidas estão fisicamente distantes; e v) com uma extensão e elocução médias. Esse conjunto de características, segundo os autores, não exclui as possibilidades de mescla entre os gêneros, ou de emprego de outras características, como os casos dos *Idílios* 11, 13 e 28, de Teócrito de Siracusa; ou as *Pítias* 2 e 3 e o *Ístimo* 2, de Píndaro; ou ainda, nas letras latinas, as epístolas de Horácio e de Ovídio. Esses poemas, apesar de serem escritos em versos, e obedecerem às convenções dos seus respectivos gêneros, apresentam um ou mais elementos do que seria definido como o do gênero epistolar.

Ao observarmos as definições antigas, veremos, como nos lembra Muhana (2007: 331), que a epístola pode ser definida como *"dialogo per absentiam*", compartilhando, segundo a pesquisadora, elementos da arte e prática oratórias. Nessa leitura, a epístola apresentaria os elementos das *inventio, elocutio* e *dispositio,* embora seja (p. 331) "Ausente o recurso da presença física entre o que fala e o que escuta". As cartas, portanto, operam exclusivamente no espaço da escrita, podendo ser compreendidas, segundo a autora, como (p. 331): "Fala ausente, de ausentes, para ausentes", demandando uma troca alternada de mensagens entre os participantes da comunicação. O gênero, desta forma, passa a se consolidar no final da República Romana, em articulação com a prática oratória, nos mais diversos espaços e situações: seja nas disposições políticas e nas questões do Senado; seja nas correspondências familiar e privada; ou ainda nas questões filosóficas. Segundo Jennifer Ebbeler (2007), a partir do século I, a prática epistolar será comum e intensa na elite letrada do império. James Murphy (1981), nos lembra que: no transcorrer dos séculos, a prática das epístolas será fundamental na educação letrada (p. 195): "*Eloquent letters, like eloquent speeches, were expected to be the product of broad rhetorical education"*. Nesse sentido, podemos dizer que temos, como modelos de epístolas antigas, as de Cícero, o *ad Atticum, ad Familiares, ad Quintum* e o *ad Brutum*; os conjuntos de livros que compõem o *Epistularum Decem,* de Plínio, o Jovem; e as *Epistolae Morales ad Lucinium,* de Sêneca, o Jovem.

Os primeiros registros de uma possível classificação ou sistematização da epístola ocorre, segundo James Murphy (1981), no século IV, na *Ars Rhetorica* de Caius Julius Victor, no apêndice *De epistolis*. É nesta preceptiva que há a primeira aproximação da prática epistolar com o *sermo* latino (p. 195): "*Since Victor goes on to say that the epistola follows the precepts of the sermo, his remarks on ratio sermocinandi are worth nothing here*". Para o letrado, a epístola

deve ser dividida em dois grandes subgrupos: as *negotiales,* as quais tratam de negócios e questões burocráticas e comerciais; e as *familiares,* que, por sua vez, dizem respeito às questões privadas. Elas devem manter um estilo médio e, na maioria das vezes, segundo Victor, devem se aproximar da fala, sofrendo as alterações e adequações necessárias tendo em vista a matéria e os sujeitos envolvidos na correspondência. Murphy afirma que, apesar da proposta do letrado latino ser introdutória e apresentar lacunas, ela é fundamental para uma primeira demarcação do gênero. Ao lado dessa primeira teorização, temos um amplo conjunto de cartas trocadas entre os letrados e pensadores do final do império e do começo da Idade Média, como as cartas trocadas entre Santo Agostinho e São Jerônimo, as de Cassiodoro e as de São Gregório, estas últimas fundadoras de um *estilo próprio* (1981: 199): "*Gregory the Great (c. 540-604) wrote such fine letters as Pope that medieval grammarians often refer to him the model for the stilus gregorianus*".

Imagem 2: São Paulo escrevendo suas epístolas. Autoria desconhecida. Pintura sobre tela. Origem: França. Pintada entre 1618 e 1620. The Museum of Fine Arts, Houston, Estados Unidos.

Por *Ars Dictaminis,* compreendemos, segundo Martin Camargo (1991), um campo da prática da retórica, presente no *Trivium* medieval, o qual tratava das regras e questões de composição dos documentos em prosa, como a carta (p. 20): "*The vehicle for instruction in the are dictaminis was the ars or*

summa dictandi". O pesquisador também ressalta a presença da oratória latina, especialmente os tratados de Cícero, como o *Rhetorica ad Herennium* e o *De Inventione* (cf. Witt, 2005, p. 84), nos estudos e práticas da arte, especialmente na estrutura das epístolas, divididas em: *salutatio, exordium, narratio, petitio e conclusio*.

Dos manuais antigos, Ronald Witt (2005) aponta o *Breviarum de Dictamine,* livro que fez parte da obra *Flores Rhetorici* (1070), de Alberico de Montecassino, como o primeiro testemunho, pós antiguidade tardia, da prática da *Ars Dictaminis* e da epístola. Ao lado dele, o pesquisador também destaca a obra de Adalberto Samaritano, os *Praecepta dictaminum* (1111-1118), como um segundo testemunho dessa prática. Ambas as obras foram responsáveis por difundir a prática epistolar na região da Itália, sendo lidas e empregadas nos centros de estudo da região (2005: 70): *"Only a handful of Italian rhetoricians in the succeeding two generations appear to have tried to improve on their predecessors' work".* Esse interesse, entre os séculos XI e XII, não foi casual; com o desenvolvimento do comércio, as cidades italianas passavam por amplas transformações políticas, econômicas e sociais. Para atender a essa nova situação, a nobreza e os comerciantes encarregaram homens letrados capazes de escrever epístolas com relação aos mais diversos contextos. Witt destaca que, com a ampliação dessa prática letrada, o próprio gênero da epístola passou por significativas alterações, dividindo-se em subespécies, adequadas aos mais diversos contextos (p. 71): *"[...] letter-writers were encouraged to make no distinction between official and what other ages might consider personal correspondence".* A partir da segunda metade do século XII, a prática epistolar italiana passou a ser imitada também nas cortes da região da França, desenvolvendo também uma escola de preceptores da *ars dictaminis,* como Pedro de Blois, autor do *Libellus de arte dictandi (1181–5).* O pesquisador destaca que, a partir da passagem do século XII para o XIII, a produção epistolar se tornou prática comum nas cortes europeias, as quais passariam a empregar paulatinamente a língua vulgar em vez do latim (p. 79): *"The introduction of French for official correspondence in the middle decades of the thirteenth century also had a negative effect on Latin creativity in dictamen".* Essa concorrência entre as línguas causou, nos tempos de Dante, uma mudança significativa na região central da Itália, pois a prática epistolar latina se manteve intensa nas cortes, entre os nobres, o clero e os comerciantes.

Imagem 3: Dante Alighieri. Óleo sobre tela. Sem autoria confirmada. Pintado entre o século XVI e XVII. Dulwich Picture Gallery, Londres, Reino Unido.

No caso de Dante Alighieri, como pontuamos nos primeiros parágrafos desta introdução, a produção epistolar era uma prática comum: mais de um testemunho do período nos indica que o poeta escrevera um número amplo de cartas. Apesar disso, apenas treze delas sobreviveram ao tempo e chegaram até nós, na modernidade, sendo recolhidas de forma dispersa. Dada a falta de unidade, Angelo Jacomuzzi (1997: 331) as organiza em três grupos centrais: i) as diplomáticas, as quais foram escritas em situações específicas e condicionadas às situações oficiais, como a *carta II*, de condolência pela morte de Alessandro

de Romena; e as três escritas à Margherita de Brabante (VIII, IX e a X); ii) as biográficas, escritas para pessoas próximas a Dante, como a endereçada a Cino da Pistoia (III), a Morello Malaspina (IV), e a um outro amigo florentino (XII); iii) as políticas, as quais tratam dos eventos do período na região de Florença (I, V, VII e IX). Dessa classificação, Jacomuzzi deixa de lado a XIII, endereçada à Cangrande Della Scala, senhor da cidade de Verona, dado que sua atribuição foi matéria de debate, uma vez que ela supostamente se encontra incompleta. Jacomuzzi (1997) dá especial destaque à estrutura das cartas de Dante, ao afirmar que sua produção evidencia o lugar que a prática epistolar ocupava na cidade de Florença entre os séculos XIII e XIV. O poeta florentino evidenciaria o amplo conhecimento da retórica nas cartas (p. 329): "[…] *si apparenta strettamente al genere e alle forme dell'oratoria politica e si propone come un intervento legato ad avvenimenti e interessi di natura pubblica* […]".

As treze Epístolas de Dante que chegaram até nós (consideramos tal também a décima terceira, cuja atribuição ficou incerta durante muito tempo) tem um altíssimo valor documental, apesar do escasso interesse que tradicionalmente despertaram junto aos estudos dantescos na Itália. Elas foram escritas conforme as regras da *Ars Dictaminis*, cujo magistério foi passado a Dante por Brunetto Latini. Mostram a habilidade retórica e a competência de Dante nesta complexa técnica, com total domínio do *cursus*; isto é: a prosa de alta elocução, em rima, em que o desenvolvimento rítmico das frases retoma, sobretudo no final, a elegância do modelo das *clausulae* métricas da prosa clássica. Elas também revelam a capacidade expressiva do autor, que se apresenta com vívidas emoções e acentos fortes, indicando uma erudição muito profunda que apela para citações e formas literárias de origem bíblica.

Na introdução das epístolas, Dante convida à leitura: seguem os seis elementos necessários da tratação: a matéria (*subiectum*) da obra: o fim (*utilitas*); a forma (*ordo* ou *forma tractatus*); quem a realiza (*causa efficiens*); o título (*inscriptio* o *titulus*): o gênero filosófico a que a obra pertence (*cui philosophiae opus supponatur*).

Trata-se majoritariamente de textos 'políticos', de acentuado tom catártico e apocalíptico, em que o tema predominante é aquele da confrontação com a justiça: a humana e a dívina, com que todos os homens deverão, mais cedo ou mais tarde, se confrontar.

Conforme a tradição filológica italiana, costuma-se dividir as epístolas em duas *sílloges*: a primeira, de três cartas, reunidas por Giovanni Boccaccio, reúne a epístola a Cino da Pistoia; a dirigida aos cardeais italianos; a dirigida ao amigo de Florença. A segunda *sílloge*, reúnida no século XV pelo círculo humanista de Coluccio Salutati, compreende nove epístolas, nessa ordem: a primeira, escrita

para o cardeal Nicolau de Prato; a segunda, endereçada a Oberto e Guido de Romena; a terceira, dirigida a Moroello Malaspina; a quarta para aos senhores e ao povos da Itália; a quinta é endereçada aos florentinos; a sexta, é para o imperador Henrique VII; a sétima, a oitava e a nona, foram escritas por Dante em nome da Condessa della Gherardesca para Margarida de Bramante. Por fim, a epístola décima terceira, endereçada a Cangrande della Scala, na forma dos códigos do século XVI.

A primeira é dirigida à Nicolau, cardeal de Prato e bispo de Ostia e Velletri, que estava atuando em prol da paz na Toscana, na Romanha e na Marca Trevigiana. Foi escrita na primavera de 1304, em nome dos *Bianchi* (a facção política guelfa à qual pertence Dante) de Florença. A segunda é dirigida aos Condes de Romena, Oberto e Guido, depois da morte de seu tio Alexandre. A terceira, de 1305-1306, é enviada a Cino de Pistoia, exilado como Dante, grande protagonista da renovação filosófica e poética da literatura italiana (o "Dolce Stil Nuovo", *Purgatório*, Canto XXIV), seu grande amigo. Nesta carta, Dante trata sobretudo de literatura, não de política. A quarta é endereçada à Moroello Malaspina, senhor da Lunigiana (1307-1308). Esta também tem mais caráter literário do que político. A quinta é uma carta expressamente 'politica': Dante se dirige aos senhores e aos povos da Itália, para que parem de se dedicar a seus interesses particulares e reconheçam a autoridade máxima de Hentique VII, que reunirá de novo a Itália. A sexta, escrita em 31 de março de 1311, também é uma carta politica, e muito polêmica, já que Dante se dirige aos *celeradíssimos* florentinos, seu povo, para que apoiem o Imperador e deixem de lado suas *diatribes* internas. Na sétima, outra carta 'política', escrita em 17 de abril de 1311, Dante se dirige diretamente ao Imperador, durante sua viagem na Itália, incitando-o para que acelere sua missão de redenção da Itália, sufocando a resistência das comunas guelfas italianas que se opunham a ele, incluindo a de Florença.

A oitava, a nona e a décima, são escritas por Dante em nome da Condessa della Gherardesca, esposa do conde Guido Guidi di Battifolle, para Margarida de Bramante, esposa de Henrique VII e princesa de Luxemburgo. O conde tinha sido protetor de Dante quando ele foi excluído da *amnistia* que Baldo d'Aguglione promoveu em Florença, em 1311, em favor dos condenados políticos. As três cartas parecem ser respostas da Condessa a Margarida: as de Margarida não chegaram até nós. Somente a terceira tem data: 18 de maio de 1311. As outras duas devem, de qualquer forma, remeter-se à primavera do mesmo ano. A troca epistolar deve ter sido breve, Margarida morre no mesmo ano, 1311; a resistência dos florentinos e, sobretudo a ação agressiva de Roberto de Anjou, abaterão o entusiasmo dos gibelinos. A morte de Henrique VII acontece em 1313.

A décima primeira remete ao período imediatamente sucessivo ao 20 de abril de 1314. Tendo morrido o pontífice, Clemente V, que em 1309 tinha transferido a sede pontifícia de Roma para Avignon, na Provença, Dante escreve aos cardeais, reunidos em conclave a *Carpentras* para eleger o novo papa, convidando-os a resistir às pressões da França e escolher um papa italiano, que leve de volta o papado à Roma. A carta décimo segunda é para um amigo de Florença (real ou imaginário), e foi escrita depois de 19 de maio de 1315. Dante recusa de forma inflamada a possibilidade de voltar a Florença aproveitando a *amnistia* concedida aos exilados *bianchi*, tendo de pagar uma multa e admitindo, de fato, ser culpado das acusações infames que lhe faziam. Dante afirma com força que só voltará a Florença como homem livre e inocente.

A mais importante das epístolas de Dante, do ponto de vista histórico e literário, é a décima terceira, enviada a Cangrande della Scala, senhor da cidade gibelina de Verona. A datação é incerta (entre 1316 e 1320). A carta foi enviada para acompanhar uma dedicatória a Cangrande, que muito tinha ajudado Dante no exílio. A carta é uma introdução à leitura da terceira *cantica* das três que compõem a *Divina Comédia*: o *Paraíso*. O seu valor é muito grande, pois são essas as únicas notas explícitas feitas por Dante sobre a interpretação da *Comédia* que nós temos. Muito provavelmente, por conta da vida peregrina do exilado Dante, muita coisa se perdeu e, até agora, não possuímos um único autógrafo dele, mesmo a partir de obras com referências menores do autor.

Segundo o modelo da exegese bíblica, a carta destaca a multiplicidade de sentidos que existe na *Comédia*. Mais especificamente, Dante salienta o "sentido literal" ("*sensus qui habetur per litteram*"), isto é: "que se obtém pela palavra"; de um "sentido alegórico" ("*qui habetur per significata per litteram*"), ou seja: "pelo sentido que se quer dar à palavra". Dante destaca também o "sentido moral" e o "sentido anagógico", quer dizer: espiritual, da *Comédia*. Quanto ao sentido literal, o conteúdo da *Comédia* é o "*estatus animarum post mortem simpliciter sumptus*", assim dizendo: "o estado da alma depois da morte; na realidade toda a obra procede tratando disso e o circunscrevendo". Quanto ao sentido alegórico, o conteúdo é o "*homem prout merendo et demerendo per arbitrii libertatem iustitie premiandi et puniendi obnoxius est*", em outras palavras: "o assunto é o homem, que, por seus méritos e deméritos, pela liberdade do arbítrio, é exposto à justiça que premia e pune". O título da obra, *Comédia*, remete sutilmente à diferença retórica entre *tragédia* e *comédia* (que Dante tinha tratado de modo diferente no *De Vulgari Eloquentia*): a tragédia, no começo, é "maravilhosa e serena" ("*admirabilis et quieta*"), no seu fim "repugnante e horrível" ("fetida et horribilis"); a comédia, ao contrário, apresenta no começo uma situação difícil, mas tem um desfecho feliz. A "elocução" ("*modus loquendi*") da tragédia é "elevado e sublime";

a da comédia, “resignado e humilde”. Portanto, a obra se intitula *Comédia* porque a sua matéria inicial, o Inferno, é terrível e amedrontador; porém, seu desfecho, o Paraíso, é feliz e desejável. A elocução, ou estilo, é “*remissus [...] et humilis, quia locutio vulgaris in qua et muliercule comunicant*”, podendo ser transcrita para: “resignada e humilde, pois é a língua vulgar, com a qual se comunicam também as mulherzinhas”. O fim da obra é “*removere viventes in hac vita de statu miserie et perducere ad statum felicitatis*”, dada a essência de: “desviar daqueles que vivem nesta vida em um estado de miséria e conduzi-los a um estado de felicidade”.

Neste trabalho, nós seguimos mais detalhadamente a ordem e a descrição de cada epístola da edição Mondadori, organizada por Fioravanti-Giunta-Quaglioni-Villa-Albanese (v. Bibliografia). Nesta tradução, mantivemos o *estilo médio*, próprio do gênero epistolar medieval, levando em consideração os aspectos conceituais e filosóficos da língua latina do período. Além disso, procuramos também manter os termos filosóficos, os quais remetem ao pensamento da Escolástica, em língua latina, evitando, assim, imprecisões conceituais na tradução.

Esta edição moderna das epístolas de Dante compete ao grupo de pesquisa '*A Tradição Literária Italiana*', vinculado ao Conselho Nacional da Pesquisa (CNPq), atuante junto à Universidade de São Paulo (USP). Desde os tempos pré-pandêmicos, o grupo vem se debruçando sobre a obra do poeta florentino, e sobre a literatura italiana em geral, em eventos, simpósios e congressos, e em publicações especializadas. Neste ano de 2021, em comemoração aos setecentos anos da morte do poeta, esta edição foi preparada buscando difundir, em língua portuguesa, as treze cartas de Dante. Estabelecemos o texto latino a partir de três edições consagradas, datadas dos séculos XX e XXI, e traduzimos o texto buscando a elocução média própria do gênero epistolar. Esperamos que este seja o começo de uma série de traduções da obra latina de Dante, pouco conhecida no Brasil.

Maria Cecilia Casini e Gustavo Luiz Nunes Borghi
São Paulo, 21 de abril de 2022

SUMÁRIO

EPÍSTOLA I 1
EPÍSTOLA II 4
EPÍSTOLA III 6
EPÍSTOLA IV 9
EPÍSTOLA V 11
EPÍSTOLA VI 16
EPÍSTOLA VII 23
EPÍSTOLA VIII 30
EPÍSTOLA IX 32
EPÍSTOLA X 34
EPÍSTOLA XI 36
EPÍSTOLA XII 43
EPÍSTOLA XIII 45
REFERÊNCIAS 62

EPÍSTOLA I

Reverendissimo in Christo patri dominorum suorum carissimo domino Nicholao miseratione celesti Ostiensi et Vallatrensi episcopo, Apostolice Sedis legato, necnon in Tuscia Romaniola et Marchia Tervisina et partibus circum adiacentibus paciario per sacrosanctam Ecclesiam ordinato, devotissimi filii A. capitaneus Consilium et Universitas partis Alborum de Florentia semetipsos devotissime at que promptissime recommendant.

[1] Preceptis salutaribus moniti et Apostolica pietate rogati, sacre vocis contextui, quem misistis post cara nobis consilia, respondemus. Et si negligentie sontes aut ignavie censeremur ob iniuriam tarditatis, citra iudicium discretio sancta vestra preponderet; et quantis qualibusque consiliis et responsis, observata sinceritate consortii, nostra Fraternitas decenter procedendo indigeat, et examinatis que tangimus, ubi forte contra debitam celeritatem defecisse despicimur, ut affluentia vestre Benignitatis indulgeat deprecamur.

[2] Ceu filii non ingrati litteras igitur pie vestre Paternitatis aspeximus, que totius nostri desiderii personantes exordia, subito mentes nostras tanta letitia perfuderunt, quantam nemo valeret seu verbo seu cogitatione metiri. Nam quam, fere pre desiderio sompniantes, inhiabamus patrie sanitatem, vestrarum litterarum series plusquam semel sub paterna monitione polluxit. Et ad quid aliud in civile bellum corruimus, quid aliud candida nostra signa petebant, et ad quid aliud enses et tela nostra rubebant, nisi ut qui civilia iura temeraria voluptate truncaverant et iugo pie legis colla submitterent et ad pacem patrie cogerentur? Quippe nostre intentionis cuspis legiptima de nervo quem tendebamus prorumpens, quietem solam et libertatem populi florentini petebat, petit, atque petet in posterum. Quod si tam gratissimo nobis beneficio vigilatis, et adversarios nostros, prout sancta conamina vestra voluerint, ad sulcos bone civilitatis intenditis remeare, quis vobis dignas grates persolvere attentabit? Nec opis est nostre, pater, nec quicquid florentine gentis reperitur in terris. Sed si qua celo est pietas que talia remuneranda prospiciat, illa vobis premia digna ferat, qui tante urbis misericordiam induistis et ad sedanda civium profana litigia festinatis.

[3] Sane, cum per sancte religionis virum fratrem L. civilitatis persuasorem et pacis premoniti atque requisiti sumus instanter pro vobis, quemadmodum et ipse vestre littere continebant, ut ab omni guerrarum insultu cessaremus et usu, et nos ipsos in paternas manus vestras exhiberemus in totum, nos filii devotissimi vobis et pacis amatores et iusti, exuti iam gladiis, arbitrio vestro spontanea et sincera voluntate subimus, ceu relatu prefati vestri nuntii fratris L. narrabitur, et per publica instrumenta solempniter celebrata liquebit.

[4] Idcirco pietati clementissime vestre filiali voce affectuosissime supplicamus quatenus illam diu exagitatam Florentiam sopore tranquillitatis et pacis irrigare velitis, eiusque semper populum defensantes nos et qui nostri sunt iuris, ut pius pater, commendatos habere; qui velut a patrie caritate nunquam destitimus, sic de preceptorum vestrorum limitibus nunquam exorbitare intendimus, sed semper tam debite quam devote quibuscunque vestris obedire mandatis.

Epístola I

Ao Senhor Nicolau[1], reverendíssimo padre em Cristo e estimadíssimo entre os próprios senhores, Bispo de Ostia e Velletri pela vontade de Deus, legado apostólico e pacificador ordenado pela Santa Igreja na Toscana, Romanha e na Marca de Treviso e nas regiões vizinhas, vossos filhos mais devotos, A. capitão, o Conselho e a coletividade do partido Branco de Florença, vos saúdam com toda a devoção e zelo.

[1] Advertidos pelos preceitos salutares requisitados pela piedade apostólica, após os preciosos conselhos para nós, respondemos ao complexo de argumentos das palavras sagradas que nos transmitistes. E se formos considerados culpados de negligência ou de preguiça, por culpa de nosso atraso, que a vossa santa perspicácia tenha a supressão do juízo negativo; e caso se aponte que falhamos em uma pressa obediente, fazemos apelo à generosidade da vossa Benevolência: considerando – após ter sopesado os argumentos que aqui afrontamos – quantos e quais desígnios e pontos de vista sejam necessários à nossa Fraternidade para proceder decorosamente, reconhecida a lealdade da nossa aliança.

[2] Como filhos não ingratos, examinamos a carta de vossa pia Paternidade, que, interpretando os pressupostos de todas as nossas aspirações, encheu imediatamente nossas mentes de uma alegria tão grande que ninguém poderia medi-la em palavras ou pensamentos. De facto, a argumentação da vossa carta oferece, não uma só vez e como advertência paterna, aquela salvação da pátria que ardentemente ansiamos, quase sonhando pelo desejo. E por que outro motivo colapsamos na guerra civil, por que outra razão buscaram a nossa insígnia branca[2], e por que mais foram as nossas espadas e lanças tingidas de vermelho, senão, para fazer com que aqueles que com voluptuosidade temerária multilaram os direitos civis submetessem os seus pescoços ao jugo da santa lei e fossem compelidos à paz da pátria? Na verdade, quando a flecha legítima de nosso objetivo saltava da corda que segurávamos esticada, procurava apenas a paz e a liberdade do povo florentino; e isto busca e sempre buscará. Quem poderá agradecer-vos adequadamente, se zelardes por um ideal que nos é muito caro e pretenderdes reconduzir nossos adversários à boa civilidade, como teriam sido vossos santos esforços? Não está em nosso poder, ó Pai, nem no de qualquer florentino que se encontre no mundo. Mas se existe alguma bondade no céu que considera tais ações como dignas de recompensa, possa conceder recompensa adequada a vós, que vos revestiu de compaixão por uma cidade tão grande e vos está apressando em compor o litígio profano de seus cidadãos!

[3] Então, porque um homem de santa religião, o irmão L.[3], defensor da urbanidade e da paz, por vós ele nos advertiu e solicitou com insistência, como de outra parte dizia a

1 Niccolò da Prato, bispo de Spoleto e cardeal de Ostia e Velletri.
2 Na Batalha da Lastra, ocorrida em 20 de julho de 1304 nas cercanias de Florença, entre guelfos *neri* e gibelinos, na tentativa destes últimos de retomar o controle da cidade, os *Bianchi* trouxeram estandartes com guirlandas de folhas de oliveira em fundo branco.
3 A crítica ignora a quem Dante se referia.

vossa mesma carta, que desistíssimos de todos os ataques e de toda a atividade de guerra e nós mesmos confiássemos tudo às vossas mãos paternas; nós, filhos muito devotados a vós, amantes da paz e da justiça, despojamos nossas espadas, por nossa própria vontade e sem reservas nos submetemos a vosso julgamento, como se relatará seu mensageiro, o citado irmão L., vos será dado conhecer, e será declarado solenemente por instrumentos públicos.

[4] Por isso suplicamos à Vossa Santidade misericordiosa, com voz filial e profundo afeto, que possa banhar com a calma da tranquilidade e da paz esta Florença por tanto tempo agitada pela tempestade; e que, como um pai amoroso, nos possais manter sob vossa proteção; nós, que sempre fomos os defensores de vosso povo e as coisas que são de nosso direito; nós, que nunca fomos negligentes na caridade por nosso país, assim procuramos nunca nos desviar dos limites de vossos preceitos, mas sempre obedecer a quaisquer de vossos comandos, tanto oportunamente como devotamente.

EPÍSTOLA II

[Hanc epistolam scripsit Dantes Alagherii Oberto et Guidoni comitibus de Romena post mortem Alexandri comitis de Romena patrui eorum condolens illis de obitu suo]

[1] Patruus vester Alexander, comes illustris, qui diebus proximis celestem unde venerat secundum spiritum remeavit ad patriam, dominus meus erat et memoria eius usque quo sub tempore vivam dominabitur michi, quando magnificentia sua, que super astra nunc affluenter dignis premis muneratur, me sibi ab annosis temporibus sponte sua fecit esse subiectum. Hec equidem, cunctis aliis virtutibus comitata in illo, suum nomen pre titulis Ytalorum ereum illustrabat. Et quid aliud heroica sua signa dicebant, nisi «scuticam vitiorum fugatricem ostendimus»? Argenteas etenim scuticas in purpureo deferebat extrinsecus, et intrinsecus mentem in amore virtutum vitia repellentem. Doleat ergo, doleat progenies maxima Tuscanorum, que tanto viro fulgebat, et doleant omnes amici eius et subditi, quorum spem mors crudeliter verberavit; inter quos ultimos me miserum dolere oportet, qui a patria pulsus et exul inmeritus infortunia mea rependens continuo cara spe memet consolabar in illo.

[2] Sed quanquam, sensualibus amissis, doloris amaritudo incumbat, si considerentur intellectualia que supersunt, sane mentis oculis lux dulcis consolationis exoritur. Nam qui virtutem honorabat in terris, nunc a Virtutibus honoratur in celis; et qui Romane aule palatinus erat in Tuscia, nunc regie sempiterne aulicus preelectus in superna Ierusalem cum beatorum principibus gloriatur. Quapropter, carissimi domini mei, supplici exhortatione vos deprecor quatenus modice dolere velitis et sensualia postergare, nisi prout vobis exemplaria esse possunt; et quemadmodum ipse iustissimus bonorum sibi vos instituit in heredes, sic ipsi vos, tanquam proximiores ad illum, mores eius egregios induatis.

[3] Ego autem, preter hec, me vestrum vestre discretioni excuso de absentia lacrimosis exequiis; quia nec negligentia neve ingratitudo me tenuit, sed inopina paupertas quam fecit exilium. Hec etenim, velut effera persecutrix, equis armisque vacantem iam sue captivitatis me detrusit in antrum, et nitentem cunctis exsurgere viribus, hucusque prevalens, impia retinere molitur.

Epístola II

[Dante Alighieri escreveu esta epístola à Oberto e Guido, condes de Romena, depois da morte de Alessandro, Conde de Romena, seu tio, para se condoerem juntos de sua morte.]

[1] Vosso tio, Alexandre, o ilustre conde cuja alma, nesses dias, subiu para a celeste pátria de onde tinha vindo, foi, meu senhor, e sua memória o será até eu viver, pois sua magnificência, que para além das estrelas recebe agora seu digno prêmio, desde antigamente me fez ser por vontade dele seu súdito. E de fato, essa virtude, junta nele com todas as outras, o seu nome, ante aos títulos dos heróis itálicos, ele tornava insigne. E o que mais diziam suas heroicas empresas, a não ser "mostremos o açoite afugentador que nos libertará dos vícios"? Por isso ele exibia um açoite prateado em campo vermelho, e dentro de si a alma amiga de toda virtude e banidora de todo vício. Condói-se, então, a mais ilustre estirpe da Toscana, que de tanto homem se ilustrava; e chorem todos os seus amigos e os seus súditos, cujas esperanças cruelmente a morte atacou; e entre estes últimos, ai de mim!, eu me condoía, eu que, expulso de sua pátria, exilado sem o merecer, continuamente pensando nos meus infortúnios, consolava-me no entanto nas doces esperanças inspiradas por ele.

[2] Mas, embora perdidas as consolações sensíveis, e nos extenue a amargura da dor; todavia, pensando nos dons intelectuais que sobejam, com certeza aos olhos da mente surgirá uma luz de doce consolo. De fato, aquele que honrava a virtude na terra, agora é honrado pelas Virtudes nos Céus. E aquele que era Palatino na Romana Corte da Toscana, agora, eleito cortesão da Corte Eterna, está em glória com os Príncipes dos Beatos na superna Jerusalém. Por isso, meus caríssimos senhores, vos exorto, suplicante, e vos peço para que lamentais com medida e não ponhais mente às coisas sensíveis, a não ser que possam servir como exemplo; e como ele, justíssimo, vos deixou herdeiros de seus bens, assim vós, como estritos consanguíneos dele, de seus egrégios costumes, vesti-vos.

[3] Além disso, como vosso servidor, junto à vossa discrição peço desculpas pela minha ausência nas tristes exéquies, pois nem ignávia ou ingratidão me retiveram, mas a repentina pobreza para a qual me levou o exílio. Essa, como cruel perseguidora, a mim, já privo de cavalos e armas, me jogou no abismo de seu cárcere e, embora eu me esforce com todas as minhas forças para me livrar dela, a ímpia até agora prevalece, e toda sua arte usa para me manter preso, sejam elas quais forem.

EPÍSTOLA III

Exulanti Pistoriensi Florentinus exul inmeritus per tempora diuturna salutem et perpetue caritatis ardorem.

[1] Eructuavit incendium tue dilectionis verbum confidentie vehementis ad me, in quo consuluisti, carissime, utrum de passione in passionem possit anima transformari: de passione in passionem dico secundum eandem potentiam et obiecta diversa numero sed non specie; quod quamvis ex ore tuo iustius prodire debuerat, nichilominus me illius auctorem facere voluisti, ut in declaratione rei nimium dubitate titulum mei nominis ampliares Hoc etenim, cum cognitum, quam acceptum quamque gratum extiterit, absque importuna diminutione verba non caperent: ideo, causa conticentie huius inspecta, ipse quod non exprimitur metiaris.

[2] Redditur, ecce, sermo Calliopeus inferius, quo sententialiter canitur, quanquam transumptive more poetico signetur intentum, amorem huius posse torpescere atque denique interire, nec non huius, quod corruptio unius generatio sit alterius, in anima reformari.

[3] Et fides huius, quanquam sit ab experientia persuasum, ratione potest et auctoritate muniri. Omnis namque potentia que post corruptionem unius actus non deperit, naturaliter reservatur in alium: ergo potentie sensitive, manente organo, per corruptionem unius actus non depereunt, et naturaliter reservantur in alium; cum igitur potentia concupiscibilis, que sedes amoris est, sit potentia sensitiva, manifestum est quod post corruptionem unius passionis qua in actum reducitur, in alium reservatur. Maior et minor propositio sillogismi, quarum facilis patet introitus, tue diligentie relinquantur probande.

[4] Auctoritatem vero Nasonis, quarto De Rerum Transformatione, que directe atque ad litteram propositum respicit, superest ut intueare; scilicet ubi ait, et quidem in fabula trium sororum contemtricium in semine Semeles, ad Solem loquens, qui nymphis aliis derelictis atque neglectis in quas prius exarserat, noviter Leucothoen diligebat: «Quid nunc, Yperione nate», et reliqua.

[5] Sub hoc, frater carissime, ad prudentiam, qua contra Rhamnusie spicula sis patiens, te exhortor. Perlege, deprecor, Fortuitorum Remedia, que ab inclitissimo phylosophorum Seneca nobis velut a patre filiis ministrantur, et illud de memoria sane tua non defluat: «Si de mundo fuissetis, mundus quod suum erat diligeret».

Epístola III

Ao exilado de Pistoia[1] o injustiçado exilado de Florença, deseja muitos anos de saúde e ardor de caridade sempiterna.

[1] Caríssimo, a chama de teu amor te inspirou acentos de veemente confiança em mim, que quiseste consultar, sobre se a nossa alma possa de uma paixão a outra transformar-se: digo, de paixão em paixão, segundo aquela mesma potência, e com objetos diversos quanto ao número, mas não à espécie; a qual sentença eu proferi, embora de tua própria boca mais justamente deveria proceder; não obstante, tu quiseste que eu fosse seu autor, para que, fazendo-me explicar uma questão cheia de dúvidas; tu aumentasses a fama do meu nome. De fato, o quanto isso me console e me seja bem aceito, e o quanto eu fique grato, não caberia em palavras: todavia, conhecendo a razão do meu calar, poderás tu mesmo imaginar as coisas que agora não digo.

[2] Pois aqui a seguir te trago algumas coisas por rima nas quais se canta, em forma de sentenças, mesmo que figurativamente, conforme as leis da poesia, como o intenso amor por um assunto possa lentamente esfriar e desvanecer; e o fim de um seja razão do ressurgir de um outro na alma.

[3] E prova disso, se bem dotada pela experência, pode também receber conforto pela razão e pela autoridade. De fato, toda potência que depois da corrupção de um ato não morre, naturalmente se manifesta em um outro: de forma que as forças sensitivas, em se mantendo o órgão, não se desperdem e, por sua natureza, se mantêm para um outro ato. E, embora a potência concupiscível, que é sede do amor, seja uma potência sensitiva, é claro que, uma vez que uma paixão, pela qual ele agiu, desvaneceu, ela se conserva em uma outra. A prova da maior ou menor proposição do silogismo, das quais é muito claro o significado, deixo confirmar à tua diligência.

[4] É bem, também, que tu consideres que a autoridade de Ovídio [*Públio Ovídio Naso*][2], no IV de *Metamorfoses* [*De Rerum Transformatione*], serve diretamente e literalmente ao nosso propósito: precisamente onde o autor, contando a fábula das três irmãs que desprezam o nume na geração de Sêmele[3], falando com Apolo, o qual, abandonadas e esquecidas as outras Ninfas, seu primeiro amor, preferindo agora Leucoteia, exclama: "Quid nunc Hyperione nate", etc. etc.

[5] Depois disso, meu irmão amadíssimo, com paciência eu te aconselho paciência e a tolerar graças a ela os ataques de Nêmesis[4]. Leia com atenção, te peço, os *Fortuitorum*

1 Cino da Pistoia (Pistoia, 1265 ou 1270 - 1336), poeta e importante jurista, amigo de Dante, um dos principais artífices da renovação poética e filosófica do *Dolce Stil Nuovo*. Foi também, como Dante, exilado por motivos políticos.

2 Públio Ovídio Naso (43 a.C. - 17 ou 18 a.C.), um dos maiores poetas latinos, escreveu as *Metamorfoses,* obra-prima em quinze livros escrita em hexâmetros datílicos, que trata da cosmologia e das história do mundo, narrando as transformações dos homens e dos deuses, em animais, rios, pedras, etc.

3 Sêmele é uma personagem da mitologia grega, filha de Cadmo e Harmonia; o Nume, seu filho, é Dioniso, deus do êxtase e do vinho.

4 Nêmesis é a deusa grega responsável pela distribuição da justiça, particularmente para aqueles que foram injustamente condenados. Evidentemente Dante, pensando também em sua própria situação, aconselha seu amigo a ter paciência com os infortúnios pessoais, enfrentando com ânimo as agruras da condenação ao exílio, injustamente recebida.

Remedia, que do excelentíssimo filósofo Sêneca[5], até nós, como de pai a filhos, são propostos. Nunca fuja de tua boa memória a sentença: “Se vocês fossem coisa do mundo, o mundo amaria a coisa que lhe pertence/Que é sua”.

5 Lúcio Aneo Sêneca, filósofo e político romano. Foi particularmente admirado por Dante, que o nomeou entre os espíritos magnos da Antiguidade (*Inferno*, canto IV); ele foi autor do *De Remediis fortuitorum ad Gallionem*, obra perdida, de que circulava na Idade Média uma versão que tratava dos remédios contra a Fortuna.

EPÍSTOLA IV

[Scribit Dantes domino Moroello marchioni Malaspine.]

[1] Ne lateant dominum vincula servi sui, quam affectus gratuitas dominantis, et ne alia relata pro aliis, que falsarum oppinionum seminaria frequentius esse solent, negligentem predicent carceratum, ad conspectum Magnificentie vestre presentis oraculi seriem placuit destinare.

[2] Igitur michi a limine suspirate postea curie separato, in qua, velut sepe sub admiratione vidistis, fas fuit sequi libertatis officia, cum primum pedes iuxta Sarni fluenta securus et incautus defigerem, subito heu! mulier, ceu fulgur descendens, apparuit, nescio quomodo, meis auspitiis undique moribus et forma conformis. O quam in eius apparitione obstupui! Sed stupor subsequentis tonitrui terrore cessavit. Nam sicut diurnis coruscationibus illico succedunt tonitrua, sic inspecta fiamma pulcritudinis huius Amor terribilis et imperiosus me tenuit, atque hic ferox, tanquam dominus pulsus a patria post longum exilium sola in sua repatrians, quicquid eius contrarium fuerat intra me, vel occidit vel expulit vel ligavit. Occidit ergo propositum illud laudabile quo a mulieribus suisque cantibus abstinebam; ac meditationes assiduas, quibus tam celestia quam terrestria intuebar, quasi suspectas, impie relegavit; et denique, ne contra se amplius anima rebellaret, liberum meum ligavit arbitrium, ut non quo ego, sed quo ille vult, me verti oporteat. Regnat itaque Amor in me, nulla refragante virtute; qualiterque me regat, inferius extra sinum presentium requiratis.

Epístola IV

Escreve Dante ao Senhor Moroello, Marquês de Malaspina[1].

[1] Não ignorando o senhor os vínculos com seu servo, nem a sinceridade do afeto que o domina, e para que as maledicências dos outros, razão frequente das opiniões erradas, não façam crer negligente aquele que é preso, essa carta me apraz enviar à presença de Vossa Magnificência.

[2] Aconteceu-me, então, que depois de meu afastamento daquela Corte[2], em seguida tão docemente lembrada, na qual, como vós muitas vezes vistes, admirado, foi-me concedido cumprir os ofícios da liberdade, assim que, mal cauto e inseguro pus meu pé sobre as fluentes margens do Arno: de repente, ai de mim!, uma mulher, tal um relâmpago caindo do céu, me apareceu, não sei dizer como, segundo o meu gosto, por costumes e aparências totalmente conforme[3]. Quanto, mirando-a, eu fiquei admirado! Mas, logo, o tremor de um trovão rompeu minha maravilha; como quando, logo depois de um raio, estrepita o trovão; assim, quando eu vi o relâmpago de sua beleza, Amor, terrível e dominador, me teve aos seus freios. E este cruel, tal um senhor que, banido de seus domínios, volta depois de um longo exílio, tudo aquilo que em mim era adverso a ele, ou destruiu, ou dilapidou, ou prendeu. Assim, foi para o chão aquele laudável propósito, que eu me mantivesse longe das mulheres e dos cantos de amor. E as continuadas meditações sobre os mistérios do céu e da terra, enquanto suspeitas, ele tirou de mim impiamente; e, finalmente, para que minha alma toda lhe aprouvesse, o livre arbítrio prendeu a tal ponto, que não aonde eu quero, mas aonde apraz a ele, eu esteja forçado a me dirigir. Amor, pois, todo me domina, extenuada toda minha vontade: e qual seja em mim o seu governo, aparecerá aqui abaixo, fora desta carta.

1 Chefe militar de notável importância, ajudou a cidade de Florença em ocasião da vinda à Itália de Henrique VII de Luxemburgo, imperador do Sacro Império Romano-Germânico.
2 A corte citada é a de Moroello, na Lunigiana, onde Dante se hospedou em 1306.
3 Provável referência à filosofia.

EPÍSTOLA V

Universis et singulis Ytalie Regibus et Senatoribus alme Urbis nec non Ducibus Marchionibus Comitibus atque Populis, humilis Ytalus Dantes Alagherii florentinus et exul inmeritus orat pacem.

[1] «Ecce nunc tempus acceptabile», quo signa surgunt consolationis et pacis. Nam dies nova splendescit ab ortu auroram demonstrans, que iam tenebras diuturne calamitatis attenuat iamque aure orientales crebrescunt; rutilat celum in labiis suis, et auspitia gentium blanda serenitate confortat. Et nos gaudium expectatum videbimus, qui diu pernoctitavimus in deserto, quoniam Titan exorietur pacificus, et iustitia, sine sole quasi eliotropium hebetata, cum primum iubar ille vibraverit, revirescet. Saturabuntur omnes qui esuriunt et sitiunt iustitiam in lumine radiorum eius, et confundentur qui diligunt iniquitatem a facie coruscantis. Arrexit namque aures misericordes Leo fortis de tribu Iuda; atque ullulatum universalis captivitatis miserans, Moysen alium suscitavit qui de gravaminibus Egiptiorum populum suum eripiet, ad terram lacte ac melle manantem perducens.

[2] Letare iam nunc miseranda Ytalia etiam Saracenis, que statim invidiosa per orbem videberis, quia sponsus tuus, mundi solatium et gloria plebis tue, clementissimus Henricus, divus et Augustus et Cesar, ad nuptias properat. Exsicca lacrimas et meroris vestigia dele, pulcerrima, nam prope est qui liberabit te de carcere impiorum; qui percutiens malignantes in ore gladii perdet eos, et vineam suam aliis locabit agricolis qui fructum iustitie reddant in tempore messis

[3] Sed an non miserebitur cuiquam? Ymo ignoscet omnibus misericordiam implorantibus, cum sit Cesar et maiestas eius de Fonte defluat pietatis. Huius iudicium omnem severitatem abhorret, et semper citra medium plectens, ultra medium premiando se figit. Anne propterea nequam hominum applaudet audacias, et initis presumptionum pocula propinabit? Absit, quoniam Augustus est. Et si Augustus, nonne relapsorum facinora vindicabit, et usque in Thessaliam persequetur, Thessaliam, inquam, finalis deletionis?

[4] Pone, sanguis Longobardorum, coadductam barbariem; et si quid de Troyanorum Latinorumque semine superest, illi cede, ne cum sublimis aquila fulguris instar descendens adfuerit, abiectos videat pullos eius, et prolis proprie locum corvulis occupatum. Eya, facite, Scandinavie soboles, ut cuius merito trepidatis adventum, quod ex vobis est presentiam sitiatis. Nec seducat alludens cupiditas, more Sirenum nescio qua dulcedine vigiliam rationis mortificans. Preoccupetis faciem eius in confessione subiectionis, et in psalterio penitentie iubiletis, considerantes quia «potestati resistens Dei ordinationi resistit»; et qui divine ordinationi repugnat, voluntati omnipotentie coequali recalcitrat; et «durum est contra stimulum calcitrare».

[5] Vos autem qui lugetis oppressi «animum sublevate, quoniam prope est vestra salus». Assumite rastrum bone humilitatis, atque glebis exuste animositatis occatis, agellum sternite mentis vestre, ne forte celestis imber, sementem vestram ante iactum preveniens, in vacuum de altissimo cadat. Non resiliat gratia Dei ex vobis tanquam ros quotidianus ex lapide; sed velut fecunda vallis concipite ac viride germinetis, viride dico fructiferum vere pacis; qua quidem viriditate vestra terra vernante, novus agricola Romanorum consilii

sui boves ad aratrum affectuosius et confidentius coniugabit. Parcite, parcite iam ex nunc, o carissimi, qui mecum iniuriam passi estis, ut Hectoreus pastor vos oves de ovili suo cognoscat; cui etsi animadversio temporalis divinitus est indulta, tamen, ut eius bonitatem redoleat a quo velut a puncto biffurcatur Petri Cesarisque potestas, voluptuose familiam suam corrigit, sed ei voluptuosius miseretur.

[6] Itaque, si culpa vetus non obest, que plerunque supinatur ut coluber et vertitur in se ipsam, hinc utrique potestis advertere, pacem unicuique preparari, et insperate letitie iam primitias degustare. Evigilate igitur omnes et assurgite regi vestro, incole Latiales, non solum sibi ad imperium, sed, ut liberi, ad regimen reservati.

[7] Nec tantum ut assurgatis exhortor, sed ut illius obstupescatis aspectum. Qui bibitis fluenta eius eiusque maria navigatis; qui calcatis arenas littorum et Alpium summitates, que sue sunt; qui publicis quibuscunque gaudetis, et res privatas vinculo sue legis, non aliter, possidetis; nolite, velut ignari, decipere vosmetipsos, tanquam sompniantes, in cordibus et dicentes: «Dominum non habemus». Hortus enim eius et lacus est quod celum circuit; nam «Dei est mare, et ipse fecit illud, et aridam fundaverunt manus eius». Unde Deum romanum Principem predestinasse relucet in miris effectibus; et verbo Verbi confermasse posterius profitetur Ecclesia.

[8] Nempe si «a creatura mundi invisibilia Dei, per ea que facta sunt, intellecta conspiciuntur», et si ex notioribus nobis innotiora; si simpliciter interest humane apprehensioni ut per motum celi Motorem intelligamus et eius velle; facile predestinatio hec etiam leviter intuentibus innotescet. Nam si a prima scintillula huius ignis revolvamus preterita, ex quo scilicet Argis hospitalitas est a Frigibus denegata, et usque ad Octaviani triumphos mundi gesta revisere vacet; nonnulla eorum videbimus humane virtutis omnino culmina transcendisse, et Deum per homines, tanquam per celos novos, aliquid operatum fuisse. Non etenim semper nos agimus, quin interdum utensilia Dei sumus; ac voluntates humane, quibus inest ex natura libertas, etiam inferioris affectus inmunes quandoque aguntur, et obnoxie voluntati eterne sepe illi ancillantur ignare.

[9] Et si hec, que uti principia sunt, ad probandum quod queritur non sufficiunt, quis non ab illata conclusione per talia precedentia mecum oppinari cogetur, pace videlicet annorum duodecim orbem totaliter amplexata, que sui sillogizantis faciem Dei filium, sicuti opere patrato, ostendit? Et hic, cum ad revelationem Spiritus, homo factus, evangelizaret in terris, quasi dirimens duo regna, sibi et Cesari universa distribuens, alterutri iussit reddi que sua sunt.

[10] Quod si pertinax animus poscit ulterius, nondum annuens veritati, verba Christi examinet etiam iam ligati; cui cum potestatem suam Pilatus obiceret, Lux nostra de sursum esse asseruit quod ille iactabat qui Cesaris ibi auctoritate vicaria gerebat officium. «Non igitur ambuletis sicut et gentes ambulant in vanitate sensus» tenebris obscurati; sed aperite oculos mentis vestre, ac videte quoniam regem nobis celi ac terre Dominus ordinavit. Hic est quem Petrus, Dei vicarius, honorificare nos monet; quem Clemens, nunc Petri successor, luce Apostolice benedictionis illuminat; ut ubi radius spiritualis non sufficit, ibi splendor minoris luminaris illustret.

Epístola V

À todas as pessoas e aos Reis da Itália, aos Senadores na nobre cidade, aos Duques, aos Marqueses, aos Condes e aos povos, o humilde italiano, Dante Alighieri de Florença, imerecidamente banido, deseja paz.

[1] "Eis que agora é o momento favorável", quando aparecem os sinais da consolação e da paz. De fato, o dia novo resplendece, dissipando as trevas da longa tristeza com suas árvores. E já do Oriente sopram os ares, já rutilam as lonjuras dos céus, e confortam com doce serenidade a boa esperança das gentes. E nos aguarda também o júbilo desejado, nós, que esperamos pela longa noite no deserto: pois levantar-se-á o sol, pacífico, e a justiça, priva de sua luz, sem vigor quase heliotrópio, terá novo viço assim que ele lançar seus raios. Ao fulgurar de sua luz, todos os abatidos pela fome e pela sede serão saciados, e sua fulgurante figura confundirá os ímpios. Já levantou as orelhas misericordiosas o poderoso Leão da tribo de Judá[1], e recebendo a piedade do lamento que vinha do mundo escravo, suscitou um novo Moisés, que libertará o seu povo da escravidão dos Egípcios, para guiá-lo a uma terra rica de leite e mel.

[2] Conforta-te, então, Itália, digna da compaixão até mesmo dos sarracenos, já que em breve te tornarás sinal de inveja para a terra: pois teu Esposo, alegria do mundo e glória de tuas gentes, o clementíssimo, Henrique, divo, Augusto e César, já se apressa para as núpcias. Seca teu pranto, ó tu, belíssima, e apaga todo sinal de dor, já que está próximo aquele que te libertará da servidão dos ímpios; aquele que, batendo nos malvados, os dividirá com o corte da tua espada, e a outros trabalhadores dos vinhedos confiará seu vinhedo, que saibam render o fruto da justiça no tempo da vindima.

[3] Mas, será, pois, ele sem misericórdia para ninguém? Ao contrário, pois ele é César: e, a sua majestade advindo das fontes de sua piedade, será clemente com todos aqueles que pedirão misericórdia. O seu juízo é contrário a toda crueldade, e sempre, ao castigar, ele sói parar antes do meio; ir além, ele sói, ao premiar. Mas, então, ele lisonjeará o atrevimento dos pravos, e oferecerá o cálice para a ebriedade dos pretenciosos? Nunca. Pois ele é Augusto. E se é Augusto, não deverá então vingar iniquidades dos facínoras, e perseguí-los até a Tessália, digo, a Tessália, da destruição final?

[4] Deixa, ó sangue longobardo, a barbárie acumulada; e se alguma sobra resta da semente dos Troianos e dos Latinos, dá-lhe vida, de forma que a sublime águia, baixando seu voo, não encontre seus filhos na terra crua, e seu ninho feito demora da prole dos corvos. Coragem, então, geração da Escandinávia[2], agi com todas as forças para ter sede da presença daquele do qual, justamente, temeis a vinda, pois depende de vós; e não deixeis que a ganância, que ilude, tais as sereias com suas escondidas blandícies, adormeça a vigilância da razão. Apresentai-vos à sua presença, confessando-vos seus

1 Uma das mais poderosa das doze tribos de Israel.
2 Referência geral aos povos da Itália, que se identificam com os do Norte (os saxões, equiparados aos escandinavos), para a vinda do Imperador Henrique VII de Luxemburgo.

súditos, e alegrais-vos no saltério da penitência, pensando que “quem se opõe ao poder, se opõe a Deus”; e que quem resiste à vontade divina, rebela-se a uma vontade igual à Onipotência. E “dura coisa é dar murro em ponta de facas”.

[5] Mas vós, que chorais oprimidos na servidão, “levai suas almas, pois próxima é vossa salvação”. Pegai o rastelo da sincera humilidade e, quebradas as pedras da árida discórdia, aplanai o pequeno campo de vossa mente, para que o orvalho celeste, que antecipa a vossa semente antes de ser jogada, não desça inutilmente, e a graça do Senhor não saia de vossos corações como da rocha o cotidiano orvalho; aliás, à guisa de vale fecundo, concebai e germinai verdura: verdura, digo, que renda fruto de paz verdadeira. Por este esverdear, novamente viçosa a vossa terra, o novo Agricultor dos Romanos com maior afeto e confiança porá ao arado os bois de seu bom conselho. Perdoem, perdoem desde já, ó caríssimos, que junto comigo sofrestes injúria, de forma que o heitôreo pastor do rebanho reconheça em vós as ovelhas de seu rebanho: cujo pastor, se por privilégio divino traz em suas mãos a verga do castigo temporal; todavia, por recender ele do odor da bondade daquele do qual, como de um ponto, se bifurca em dois ramos a potestade de Pedro e de César, com prazer corrige sua família, mas com prazer maior é misericordioso com ela.

[6] Portanto, se culpa antiga não o proíbe, a qual muitas vezes como uma cobra que se torce contra si mesma se vira, vós todos podeis reconhecer a paz disso ser preparada para ambos, e saborear as primícias da tão desejada felicidade. Levantai, pois então, e ide ao encontro de vosso Senhor, ó povos Latinos, prontos não somente a ser obedientes, mas, como se convém a gentes livres, dispostos ao seu regimento.

[7] E não somente vos exorto a levantar em sua frente, mas também que na frente dele mostreis vossa atônita reverência; vós, que saciais vossa sede às suas fontes e navegais seus mares, e pisais as areias das praias e os cimos dos Alpes, que são seus: vós, que o benefício das coisas públicas e a posse das privadas aproveitais conforme o vínculo da lei: não queirais, ignaros, enganar a si mesmos, dizendo, como sonhando e pensando no coração: “Nós não temos um Senhor”. Pois é sua horta e seu lago tudo quanto o céu circunda: que “a Deus pertence o mar e ele o fez, e a terra é obra de suas mãos”. Portanto, maravilhosamente aparece que o Príncipe romano é predestinado por Deus e, conforme declara a Igreja, isso foi mais tarde confirmado pela palavra do Verbo.

[8] E, realmente, se “o homem, através das coisas criadas, entende com o olho da mente as invisíveis operações de Deus”; e se, das coisas mais conhecidas, as mais desconhecidas nos se revelam; se simplesmente é inteligência humana entender, pelo movimento do céu, a causa motriz e o seu querer; esta predestinação será facilmente clara também a observadores menos atentos. Se, pois, da primeira faísca deste fogo voltamos com o pensamento às coisas do passado, isto é, ao tempo em que os Frígias negaram hospedagem aos Argivas[3]; e se aprouver remeter, através das histórias do mundo, aos

3 Dante se refere ao princípio da predestinação dos eventos controlados por Deus, conforme o qual, às vezes, os

triunfos de Otaviano, reconheceremos que algumas gestas superaram completamente os fastígios do poder humano, e que Deus algo operou graças aos homens, quase como por meio de novos céus: porque, às vezes, nós operamos à guisa de instrumentos divinos, e a nossa vontade, embora livre por natureza, muitas vezes, mesmo imune de afeto terreno, como subalterna à vontade sempiterna, serve inconscientemente.

[9] E se tudo isso, que é como a base da demonstração daquilo que nós buscamos, não basta; quem será aquele que, pela conclusão induzida por tais precedentes, não será obrigado a concordar com minha sentença, de que por doze anos o mundo esteve ninhado pela paz, a qual, para concluir sua obra, revelou o rosto de seu silogizador, filho de Deus? E este, enquanto revelação do espírito, feito homem, evangelizando a terra como se dividisse dois reinos, distribuindo a si e a César todas as coisas, sentenciou que a cada um fosse dado o que lhe coubesse.

[10] E se o espírito obstinado, ainda surdo à verdade, pedisse outras provas, que rememore as palavras de Cristo, nossa luz, quando, já preso nos laços, a Pilatos, que lhe opunha seu poder, reconheceu vir do céu aquilo de que se ludibriava quem, com a autoridade derivada do alto ofício de vigário de César, lá exercia seu ofício. “Não vão, pois, vagando, como usam os Gentis, na vaidade do senso”, obnubilados pelas trevas: mas abram os olhos da vossa mente, e vejam como o Senhor do céu e da Terra nos deu um Rei.” Este é o monarca que Pedro, vigário de Deus, nos admoesta para honrar. Este é o Príncipe que Clemente, agora sucessor de Pedro[4], ilumina com a luz de sua bênção apostólica: de forma que, se não for suficiente o esplendor espiritual, o raio da lâmpada menor nos esclareça o caminho.

homens se comportam como instrumentos nas mãos divinas. Para exemplificar essa questão, Dante cita o exemplo do rei frígio Laomedonte, que negou hospedagem aos heróis que participavam da expedição do navio Argo, em busca do velo de ouro. Como consequência disso, haverá a destruição de Tróia por parte de Hércules e o rapto de Hesión, filha de Laomedonte; e, sucessivamente, o rapto de Helena, por parte de Páris; e a guerra de Tróia, entre os troianos e os aqueus.

4 Bertrand de Got, arcebispo de Bordeaux, que se tornou papa com o nome de Clemente V, em 1305. Com ele iniciou o período em que a sede do papado foi transferida de Roma para a cidade francesa de Avignon: o assim chamado ‘Cativeiro de Avignon’, de 1309 a 1377.

EPÍSTOLA VI

Dantes Alagherii florentinus et exul inmeritus scelestissimis Florentinis intrinsecis.

[1] Eterni pia providentia Regis, qui dum celestia sua bonitate perpetuat, infera nostra despiciendo non deserit, sacrosancto Romanorum Imperio res humanas disposuit gubernandas, ut sub tanti serenitate presidii genus mortale quiesceret, et ubique, natura poscente, civiliter degeretur. Hoc etsi divinis comprobatur elogiis, hoc etsi solius podio rationis innixa contestatur antiquitas, non leviter tamen veritati applaudit quod, solio augustali vacante, totus orbis exorbitat, quod nauclerus et remiges in navicula Petri dormitant, et quod Ytalia misera, sola, privatis arbitriis derelicta omnique publico moderamine destituta, quanta ventorum fluentorumve concussione feratur verba non caperent, sed et vix Ytali infelices lacrimis metiuntur. Igitur in hanc Dei manifestissimam voluntatem quicunque temere presumendo tumescunt, si gladius Eius qui dicit «Mea est ultio» de celo non cecidit, ex nunc severi iudicis adventante iudicio pallore notentur.

[2]. Vos autem divina iura et humana transgredientes, quos dira cupiditatis ingluvies paratos in omne nefas illexit, nonne terror secunde mortis exagitat, ex quo, primi et soli iugum libertatis horrentes, in romani Principis, mundi regis et Dei ministri, gloriam fremuistis, atque iure prescriptionis utentes, debite subiectionis officium denegando, in rebellionis vesaniam maluistis insurgere? An ignoratis, amentes et discoli, publica iura cum sola temporis terminatione finiri, et nullius prescriptionis calculo fore obnoxia? Nempe legum sanctiones alme declarant, et humana ratio percontando decernit, publica rerum dominia, quantalibet diuturnitate neglecta, nunquam posse vanescere vel abstenuata conquiri; nam quod ad omnium cedit utilitatem, sine omnium detrimento interire non potest, vel etiam infirmari; et hoc Deus et natura non vult, et mortalium penitus abhorreret adsensus. Quid, fatua tali oppinione summota, tanquam alteri Babilonii, pium deserentes imperium nova regna temptatis, ut alia sit Florentina civilitas, alia sit Romana? Cur apostolice monarchie similiter invidere non libet, ut si Delia geminatur in celo, geminetur et Delius? Atqui si male ausa rependere vobis terrori non est, territet saltim obstinata precordia quod non modo sapientia, sed initium eius ad penam culpe vobis ablatum est. Nulla etenim conditio delinquentis formidolosior, quam impudenter et sine Dei timore quicquid libet agentis. Hac nimirum persepe animadversione percutitur impius, ut moriens obliviscatur sui qui dum viveret oblitus est Dei.

[3]. Sin prorsus arrogantia vestra insolens adeo roris altissimi, ceu cacumina Gelboe, vos fecit exsortes, ut Senatus eterni consulto restitisse timori non fuerit, nec etiam non timuisse timetis; nunquid timor ille perniciosus, humanus videlicet atque mundanus, abesse poterit, superbissimi vestri sanguinis vestreque multum lacrimande rapine inevitabili naufragio properante? An septi vallo ridiculo cuiquam defensioni confiditis? O male concordes! o mira cupidine obcecati! Quid vallo sepsisse, quid propugnaculis et pinnis urbem armasse iuvabit, cum advolaverit aquila in auro terribilis, que nunc Pirenen, nunc Caucason, nunc Athlanta

supervolans, militie celi magis confortata sufflamine, vasta maria quondam transvolando despexit? quid, cum adfore stupescetis, miserrimi hominum, delirantis Hesperie domitorem? Non equidem spes, quam frustra sine more fovetis, reluctantia ista iuvabitur, sed hac obice iusti regis adventus inflammabitur amplius, ac, indignata, misericordia semper concomitans eius exercitum avolabit; et quo false libertatis trabeam tueri existimatis, eo vere servitutis in ergastula concidetis. Miro namque Dei iudicio quandoque agi credendum est, ut unde digna supplicia impius declinare arbitratur, inde in ea gravius precipitetur; et qui divine voluntati reluctatus est et sciens et volens, eidem militet nesciens atque nolens.

[4]. Videbitis edificia vestra non necessitati prudenter instructa sed delitiis inconsulte mutata, que Pergama rediviva non cingunt, tam ariete ruere, tristes, quam igne cremari. Videbitis plebem circunquaque furentem nunc in contraria, pro et contra, deinde in idem adversus vos horrenda clamantem, quoniam simul et ieiuna et timida nescit esse. Templa quoque spoliata, cotidie matronarum frequentata concursu, parvulosque admirantes et inscios peccata patrum luere destinatos videre pigebit. Et si presaga mens mea non fallitur, sic signis veridicis sicut inexpugnabilibus argumentis instructa prenuntians, urbem diutino merore confectam in manus alienorum tradi finaliter, plurima vestri parte seu nece seu captivitate deperdita, perpessuri exilium pauci cum fletu cernetis. Utque breviter colligam, quas tulit calamitates illa civitas gloriosa in fide pro libertate Saguntum, ignominiose vos eas in perfidia pro servitute subire necesse est.

[5]. Nec ab inopina Parmensium fortuna sumatis audaciam, qui malesuada fame urgente murmurantes invicem «prius moriamur et in media arma ruamus», in castra Cesaris, absente Cesare, proruperunt; nam et hii, quanquam de Victoria victoriam sint adepti, nichilominus ibi sunt de dolore dolorem memorabiliter consecuti. Sed recensete fulmina Federici prioris, et Mediolanum consulite pariter et Spoletum; quoniam ipsorum perversione simul et eversione discussa viscera vestra nimium dilatata frigescent, et corda vestra nimium ferventia contrahentur. A, Tuscorum vanissimi, tam natura quam vitio insensati! Quam in noctis tenebris malesane mentis pedes oberrent ««« ante oculos pennatorum, nec perpenditis nec figuratis ignari. Vident namque vos pennati et inmaculati in via, quasi stantes in limine carceris, et miserantem quempiam, ne forte vos liberet captivatos et in compedibus astrictos et manicis, propulsantes. Nec advertitis dominantem cupidinem, quia ceci estis, venenoso susurrio blandientem, minis frustatoriis cohibentem, nec non captivantem vos in lege peccati, ac sacratissimis legibus que iustitie naturalis imitantur ymaginem, parere vetantem; observantia quarum, si leta, si libera, non tantum non servitus esse probatur, quin ymo perspicaciter intuenti liquet ut est ipsa summa libertas. Nam quid aliud hec nisi liber cursus voluntatis in actum quem suis leges mansuetis expediunt? Itaque solis existentibus liberis qui volontarie legi obediunt, quos vos esse censebitis qui, dum pretenditis libertatis affectum, contra leges universas in legum principem conspiratis?

[6]. O miserrima Fesulanorum propago, et iterum iam punita barbaries! An parum timoris prelibata incutiunt? Omnino vos tremere arbitror vigilantes, quanquam spem simuletis

in facie verboque mendaci, atque in somniis expergisci plerunque, sive pavescentes infusa presagia, sive diurna consila recolentes. Verum si merito trepidantes insanisse penitet non dolentes, ut in amaritudinem penitentie metus dolorisque rivuli confluant, vestris animis infigenda supersunt, quod Romane rei baiulus hic divus et triumphator Henricus, non sua privata sed publica mundi commoda sitiens, ardua queque pro nobis aggressus est sua sponte penas nostras participans, tanquam ad ipsum, post Christum, digitum prophetie propheta direxerit Ysaias, cum, spiritu Dei revelante, predixit: «Vere languores nostros ipse tulit et dolores nostros ipse portavit». Igitur tempus amarissime penitendi vos temere presumptorum, si dissimulare non vultis, adesse conspicitis. Et sera penitentia hoc a modo venie genitiva non erit, quin potius tempestive animadversionis exordium. Est enim: quoniam peccator percutitur, ut 'sine retractatione † ... †'. Scriptum pridie Kalendas Apriles in finibus Tuscie sub fontem Sarni, faustissimi cursus Henrici Cesaris ad Ytaliam anno primo.

Epistola VI

Dante Alighieri, êxule imérito, aos mais injustos florentinos da cidade.

[1] A pia providência do Eterno Rei que, perpetuando com sua bondade os céus, observa do alto e não abandona os assuntos da terra, dispôs que os assuntos humanos devam ser governados pelo Santo Império dos Romanos, para que os mortais pudessem ter paz, na serenidade de uma tão grande proteção e em qualquer se agisse civilmente, porque assim o requer a natureza. E embora a prova disto se encontre nas palavras de Deus e o confirme a experiência da antiguidade, ainda que unicamente apoiados pela razão, é profundamente verdadeiro que, quando o trono de Augusto está vago, o mundo inteiro sai de sua órbita, o timoneiro e remador adormecem no navio de Pedro, e a infeliz Itália, esquecida e abandonada ao arbítrio privado, desprovida de toda autoridade pública mediadora, é atirada por ventos e ondas tão fortes que nenhuma palavra poderia descrever, mas apenas com lágrimas o medem os feridos e infelizes italianos. Portanto, que aqueles que com temerária presunção se levantaram contra esta vontade mais manifesta de Deus sejam marcados pela palidez enquanto se avizinha o julgamento do severo Juiz, se a espada d'Aquele que diz: "Minha é a vingança"[1] não é ainda caída do céu.

[2] Mas vós, que transgredis todas as leis divinas e humanas, vós que a feroz avidez de cobiça exortou a que vos empenhásseis em toda a maldade, não vos assombrais com o pavor da segunda morte, vendo que vós primeiro e só vós, encolhendo-vos do jugo da liberdade, murmurastes contra a glória do Príncipe romano, rei da terra e ministro de Deus[2]; e, utilizando o direito de prescrição, recusando o dever de submissão que lhe é devido, escolhestes antes erguer-vos na loucura da rebelião? Ignorais, talvez, insensatos e perversos, que os direitos públicos apenas terminarão com o fim dos tempos e não se sujeitarão a nenhuma hipótese de prescrição? Com evidência os celestes artigos da lei sancionam e a razão humana compreende, com escrutínio, que os domínios públicos das coisas, ainda que há muito tempo possam estar esquecidos, nunca se podem tornar ineficazes, ou, por mais enfraquecidos, usurpados; na realidade, nada do que tende ao bem comum pode ser destruído, ou mesmo prejudicado, sem prejuízo de todos; e isso nem Deus nem a natureza o querem, e é profundamente detestável aos mortais. Por que razão, então, despojados de tal presunção ociosa, tal como novos Babilônios procuram fundar novos reinos, abandonando o santo império, como se uma fosse a arte de governo Florentina, outra Romana? Por que, então, não desejar recusar a monarquia apostólica, de modo que dobrando-se a lua no céu, dobra-se também o sol? Mas se a reflexão sobre os vossos desígnios malignos não vos trouxer medo, pelo menos deixai que este terror atinja os vossos corações endurecidos, que como pena pelo vosso crime não só a sabedoria, mas o princípio, vos tenha sido tirado. Na realidade, nenhuma condição do pecador é

1 A atribuição da vingança que Deus reivindica unicamente a si, excluindo os homens, encontra-se muitas vezes no Antigo e no Novo Testamento. O verso mais famoso está no *Deuteronômio* 32:35; nos *Romanos* 12:19; nos *Hebreus* 10:30

2 O Imperador Henrique VII de Luxemburgo.

mais terrível do que a daquele que, sem vergonha e sem o temor de Deus, faz tudo o que pretende. Nenhuma maravilha se muitas vezes o ímpio é atingido por este castigo, que tendo se esquecido de Deus durante a vida, quando morre, é ele esquecido de si mesmo.

[3] Mas se a vossa arrogância insolente vos privou tanto do orvalho do alto, como as montanhas de Gilboa[3], que não tivestes medo de opor-vos ao decreto do senado eterno, e não sentistes medo de não terdes temido, será que esse medo mortal, a saber, o medo humano e mundano, não vos oprime, quando o inevitável naufrágio de vossa orgulhosa estirpe e de vossa muito lacrimogênea rapina? Ou talvez depositais a vossa confiança nas defesas, na medida em que sois rodeado por uma ridícula muralha? Ó vós, de mau coração! Ó vós, cegos por excessiva cobiça! De que vos servirá ter-vos cingido com uma muralha, e ter-vos fortificado com baluartes e ameias, quando voará a águia[4], terrível em ouro, a águia que voando, ora sobre os Pireneus, ora sobre o Cáucaso, ora sobre o Atlas, além de confortada do vento da milícia celeste, observou, da vasta extensão do oceano que sobrevoava? De que vos valerá isto, ó mais miseráveis dos homens, quando ficardes confusos na presença daquele que subjugará a fúria de Hesperia? As esperanças que alimentais em vão na vossa insensatez não serão fomentadas pela vossa rebelião; mas, por esta resistência a justa ira do rei na sua vinda não será senão a mais inflamada contra vós, e a misericórdia, que sempre acompanha o seu exército, voará indignada; e onde pensais defender o limiar da falsa liberdade, aí cairão com calma na masmorra da escravatura. Na verdade, pelo maravilhoso julgamento de Deus, como devemos crer, acontece por vezes que pelo próprio meio pelo qual o perverso pensa escapar ao castigo que lhe é devido, lhe é com mais pressa apresentado; e que aquele que, conscientemente e consentidamente, opõe-se contra a vontade divina milita por ela, sem sabê-lo e sem querê-lo.

[4] Vejais as construções que levantastes, que não cercam uma nova Pérgamo[5], e não foram alçadas com prudência, por necessidade, mas precipitadamente modificadas por suavidade e moleza, arruinar tristemente, tanto por culpa de aríete quanto por incêndio. Vejais a plebe enfurecida, agora dividida, pró e contra, então reunida contra vós, gritando horrivelmente, porque não sabe ser conjuntamente faminta e obsequiosa. Vos envergonhareis vendo as igrejas despojadas, assistindo diariamente os afluxos das matronas, e os filhos, espantados e ignaros, condenados a expiar a culpa dos pais. E se a minha mente profética não estiver enganada, treinada tanto de sinais verdadeiros quanto de argumentos incontestáveis, em poucos, sofrendo o exílio, em lágrimas vereis a cidade consumida pelo longo sofrimento, finalmente entregue a mãos estrangeiras, enquanto a grande parte de vós será destruída pela morte e pela prisão. E para concluir em breve, é

3 Nos Montes de Gilboa, no território do antigo Israel, os filisteus derrotaram o rei Saul com seu filho, Jonatas (I *Sam.* 31). Por causa dessa tragédia, Davi amaldiçoou os montes de Gilboa (II *Sam.* 1:21).
4 A Águia Imperial, símbolo de Henrique VII de Luxemburgo.
5 Pérgamo**,** antiga cidade dominada pelos Romanos na atual Anatólia, rica e próspera, sede de uma das maiores feiras da Ásia Menor, foi destruída e saqueada pelos Árabes na época bizantina.

inevitável que vós, ignominiosamente, em vossa deslealdade, deveis sofrer com vergonha aqueles sofrimentos que a gloriosa cidade de Sagunto[6] sofreu, pela liberdade.

[5] E não adquiríeis audácia da imprevista fortuna dos Parmesi que, impelidos pela fome, má conselheira, murmuravam uns aos outros: "Morramos depressa, atirando-nos no meio das armas", invadiram o acampamento de César, em sua ausência. Pois mesmo eles, apesar de terem ganho uma vitória sobre Vitória, não obstante, colheram da dor uma dor digna de recordação. Mas lembrem dos relâmpagos do primeiro Frederico; considerem o destino de Milão e de Spoleto; pois na lembrança da sua desobediência e rápida derrota, a vossa carne demasiado inchada arrefecerá, e os vossos corações demasiado quentes contrair-se-ão[7]. Ó mais insensatos dos Toscanos, insensatos tanto por vício e por natureza! Ignaros, não ponderais nem avaliais quanto os pés de uma mente doente vaguejam nas sombras da noite, diante dos olhos dos pássaros. Na verdade, os pássaros e os inocentes no caminho vêem-vos quase à beira da prisão, com a intenção de expulsar quem vos comete, para que não vos libertem, presos, presos em grilhões e correntes. E porque sois cegos, não sentis a cobiça que vos domina e vos acalma com sussurros venenosos, segurando-vos com ameaças enganosas. E também vos retendo prisioneiros na lei do pecado e vos proibindo de obedecer às leis mais sagradas; as leis feitas à semelhança da justiça natural: a obediência, pela qual se alegra e se liberta, não apenas provando é provado não ser uma escravidão; antes, por aquele que com perspicácia a observa a fundo, revela-se como a liberdade mais perfeita. Pois que mais é esta liberdade senão a livre orientação da vontade em direção à ação, que as leis permitem para quem as respeita? Vendo, então, que só são livres quem, por vontade própria, se submete à lei, como vos chamais a vós próprios, que, ao mesmo tempo que fingis amor à liberdade, em oposição a toda a lei conspirais contra o Príncipe das leis?

[6] Ó mais infelizes descendentes de Fiesole![8] Ó barbáries novamente punidas! Será que as experiências já feitas vos provocam pouco temor? Sem dúvidas, penso que observais aterrorizados, embora simulais esperança em vossos olhares e lábios mentirosos, e que frequentemente despertam em seus sonhos, seja porque sois aterrorizados com os presságios que os visitaram, seja porque repensais as decisões do dia. Na realidade, se, embora alarmados com bons motivos, vos arrependerdes de vossas loucuras, mas ainda não sentirdes remorso, então, que as correntes de medo e remorso possam se unir nas águas amargas do arrependimento, tenhais mais isso em mente, porque o governante do Estado Romano, o triunfante Henrique, desejando não o seu próprio bem, mas o bem público, por nós empreendeu sua pesada tarefa, participando de nossas dores por sua

6 O cerco e conquista da cidade de Sagunto, na Península Ibérica, por obra do cartaginês Aníbal, deram início à Segunda Guerra Púnica (218-202 a. C.)

7 Dante se refere a episódios históricos das guerras de César e de Frederico de Hohenstaufen, Primeiro Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, em que cidades e populações de revoltosos foram duramente castigados.

8 Fiésole é uma cidade ao norte de Florença, muito próxima desta, sede do acampamento de Catalina, senador romano que se notabilizou por uma tentativa fracassada de subverter a República Romana (a Conjuração de Catalina). Dante quer dar a entender que Florença sempre foi rebelde à aceitação da soberania de Roma.

própria vontade, como se o profeta Isaías[9], em direção a ele, depois de Cristo, tivesse estendido o dedo da profecia, quando, pela revelação divina declarou: “Certamente ele suportou nossas dores e carregou nossas tristezas”. Percebeis, pois, se não quiserdes mentir, que é hora do amargo arrependimento por vossa temerária presunção. E um arrependimento tardio não trará perdão, mas, ao contrário, será apenas o prelúdio para um castigo oportuno. Pois “sem retratação † ... †“.

Escrito no dia 31 de março, nos confins da Toscana, debaixo das nascentes de Arno, no primeiro ano da passagem mais auspiciosa do imperador Henrique na Itália.

9 Isaías, 53:4.

EPÍSTOLA VII

Sanctissimo gloriosissimo atque felicissimo triumphatori et domino singulari domino Henrico divina providentia Romanorum Regi et semper Augusto, devotissimi sui Dantes Alagherii Florentinus et exul inmeritus ac universaliter omnes Tusci qui pacem desiderant, terre osculum ante pedes.

[1] Inmensa Dei dilectione restante, relicta nobis est pacis hereditas, ut in sua mira dulcedine militie nostre dura mitescerent, et in usu eius patrie triumphantis gaudia mereremur. At livor antiqui et implacabilis hostis, humane prosperitati semper et latenter insidians, nonnullos exheredando volentes, ob tutoris absentiam nos alios impius denudavit invitos. Hinc diu super flumina confusionis deflevimus, et patrocinia iusti regis incessanter implorabamus, qui satellitium sevi tyranni disperderet et nos in nostra iustitia reformaret. Cumque tu, Cesaris et Augusti successor, Apennini iuga transiliens veneranda signa Tarpeia retulisti, protinus longa substiterunt suspiria lacrimarumque diluvia desierunt; et, ceu Titan preoptatus exoriens, nova spes Latio seculi melioris effulsit. Tunc plerique vota sua prevenientes in iubilo tam Saturnia regna quam Virginem redeuntem cum Marone cantabant.

[2] Verum quia sol noster, sive desiderii fervor hoc submoneat sive facies veritatis, aut morari iam creditur aut retrocedere supputatur, quasi Iosue denuo vel Amos filius imperaret, incertitudine dubitare compellimur et in vocem Precursoris irrumpere sic: «Tu es qui venturus es, an alium expectamus?». Et quamvis longa sitis in dubium que sunt certa propter esse propinqua, ut adsolet, furibunda deflectat, nichilominus in te credimus et speramus, asseverantes te Dei ministrum et Ecclesie filium et Romane glorie promotorem. Nam et ego qui scribo tam pro me quam pro aliis, velut decet imperatoriam maiestatem benignissimum vidi et clementissimum te audivi, cum pedes tuos manus mee tractarunt et labia mea debitum persolverunt. Tunc exultavit in te spiritus meus, cum tacitus dixi mecum: «Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi».

[3] Sed quid tam sera moretur segnities admiramur, quando iamdudum in valle victor Eridani non secus Tusciam derelinquis, pretermittis et negligis, quam si iura tutanda Imperii circumscribi Ligurum finibus arbitreris; non prorsus, ut suspicamur, advertens, quoniam Romanorum gloriosa potestas nec metis Ytalie nec tricornis Europe margine coarctatur. Nam etsi vim passa in angustum gubernacula sua contraxerit, undique tamen de inviolabili iure fluctus Amphitritis attingens vix ab inutili unda Oceani se circumcingi dignatur. Scriptum etenim nobis est:

Nascetur pulcra Troyanus origine Cesar,
imperium Occeano, famam qui terminet astris.

Et cum universaliter orbem describi edixisset Augustus, ut bos noster evangelizans accensus Ignis eterni flamma remugit, si non de iustissimi principatus aula prodiisset edictum, unigenitus Dei Filius homo factus ad profitendum secundum naturam assumptam edicto se subditum, nequaquam tunc nasci de Virgine voluisset; non enim suasisset iniustum, quem «omnem iustitiam implere» decebat.

[4] Pudeat itaque in angustissima mundi area irretiri tam diu quem mundus omnis expectat; et ab Augusti circumspectione non defluat quod Tuscana tyrannis in dilationis fiducia confortatur, et cotidie malignantium cohortando superbiam vires novas accumulat, temeritatem temeritati adiciens. Intonet iterum vox illa Curionis in Cesarem:

Dum trepidant nullo firmate robore partes,
tolle moras: semper nocuit differre paratis:
par labor atque metus pretio maiore petuntur.

Intonet illa vox increpitantis Anubis iterum in Eneam:
Si te nulla movet tantarum gloria rerum,
nec super ipse tua moliris laude laborem,
Ascanium surgentem et spes heredis Iuli
respice, cui regnum Ytalie Romanaque tellus
debentur.

[5] Iohannes namque, regius primogenitus tuus et rex, quem, post diei orientis occasum, mundi successiva posteritas prestolatur, nobis est alter Ascanius, qui vestigia magni genitoris observans, in Turnos ubique sicut leo deseviet et in Latinos velut agnus mitescet. Precaveant sacratissimi regis alta consilia, ne celeste iudicium Samuelis illa verba reasperent: «Nonne cum parvulus esses in oculis tuis, caput in tribubus Israel factus es, unxitque te Dominus in regem super Israel, et misit te Deus in via et ait: Vade et interfice peccatores Amalech?». Nam et tu in regem sacratus es ut Amalech percutias et Agag non parcas, atque ulciscaris Illum qui misit te de gente brutali et de festina sua sollempnitate; que quidem et Amalech et Agag sonare dicuntur.

[6] Tu Mediolani tam vernando quam hiemando moraris et hydram pestiferam per capitum amputationem reris extinguere? Quod si magnalia gloriosi Alcide recensuisses, te ut illum falli cognosceres, cui pestilens animal, capite repullulante multiplici, per damnum crescebat, donec instanter magnanimus vite principium impetivit. Non etenim ad arbores extirpandas valet ipsa ramorum incisio quin iterum multiplicius virulenter ramificent, quousque radices incolumes fuerint ut prebeant alimentum. Quid, preses unice mundi, peregisse preconicis cum cervicem Cremone deflexeris contumacis? nonne tunc vel Brixie vel Papie rabies inopina turgescet? Ymo, que cum etiam flagellata resederit, mox alia Vercellis vel Pergami vel alibi returgebit, donec huius scatescentie causa radicalis tollatur, et radice tanti erroris avulsa, cum trunco rami pungitivi arescant.

[7] An ignoras, excellentissime principum, nec de specula summe celsitudinis deprehendis ubi vulpecula fetoris istius, venantium secura, recumbat? Quippe nec Pado precipiti, nec Tiberi tuo criminosa potatur, verum Sarni fluenta torrentis adhuc rictus eius inficiunt, et Florentia, forte nescis?, dira hec pernicies nuncupatur. Hec est vipera versa in viscera genitricis; hec est languida pecus gregem domini sui sua contagione commaculans; hec Myrrha scelestis et impia in Cinyre patris amplexus exestuans; hec Amata illa impatiens, que, repulso fatali connubio, quem fata negabant generum sibi adscire non timuit, sed in bella furialiter provocavit, et demum, male ausa luendo, laqueo se suspendit. Vere matrem viperea feritate dilaniare contendit, dum contra Romam cornua rebellionis exacuit, que ad imaginem suam atque similitudinem fecit illam. Vere fumos, evaporante sanie, vitiantes exhalat, et inde vicine pecudes et inscie contabescunt, dum falsis illiciendo blanditiis et figmentis aggregat sibi finitimos et infatuat aggregatos. Vere in paternos ardet ipsa concubitus, dum improba procacitate conatur summi Pontificis, qui pater est patrum, adversum te violare assensum. Vere «Dei ordinationi resistit», proprie voluntatis ydolum venerando, dum regem aspernata legiptimum non erubescit insana regi non suo iura non sua pro male agendi potestate pacisci. Sed attendat ad laqueum mulier furiata quo se innectit. Nam sepe quis in reprobum sensum traditur, ut traditus faciat ea que non conveniunt; que quamvis iniusta sint opera, iusta tamen supplicia esse noscuntur.

[8] Eia itaque, rumpe moras, proles altera Isai, sume tibi fiduciam de oculis Domini Dei Sabaoth coram quo agis, et Goliam hunc in funda sapientie tue atque in lapide virium tuarum prosterne; quoniam in eius occasu nox et umbra timoris castra Philistinorum operiet: fugient Philistei et liberabitur Israel. Tunc hereditas nostra, quam sine intermissione deflemus ablatam, nobis erit in integrum restituta; ac quemadmodum, sacrosancte Ierusalem memores, exules in Babilone gemiscimus, ita tunc cives et respirantes in pace, confusionis miserias in gaudio recolemus.

Scriptum in Tuscia sub fonte Sarni xv Kalendas Maias, divi Henrici faustissimi cursus ad Ytaliam anno primo.

Epistola VII

Ao mais glorioso e mais afortunado Conquistador, e único Senhor, o Senhor Henrique, Rei dos Romanos pela Divina Providência, e eterno Augusto, seu devotadíssimo servo, Dante Alighieri, florentino e êxule imérito, e todos os Toscanos que desejam a paz, oferecem um beijo no chão diante dos seus pés.

[1] Como testemunha do amor ilimitado de Deus, foi-nos deixada a herança da paz, para que na sua doçura maravilhosa se diluísse a aspereza do nosso compromisso e na sua aplicação pudéssemos merecer a alegria da Pátria triunfante. Mas, a inveja do antigo e implacável inimigo, que sempre e secretamente mina a prosperidade humana, dispensando alguns que estavam de acordo, na ausência de um tutor, impiedosamente privou o resto de nós, contra nossa vontade. Daquele momento, há muito choramos sobre as águas da confusão e rezamos incessantemente pelo patrocínio do rei justo, que dispersasse a oferta do cruel tirano e restaurasse a nossa justiça. E quando tu, sucessor de César e de Augusto, cruzando o cume dos Apeninos, trouxeste de volta a venerada insígnia de Tarpeia[1], imediatamente nosso profundo suspiro foi interrompido e cessaram os dilúvios de lágrimas; e, como Titã[2], que nasce muito desejado, brilhou para os Latinos[3] uma esperança nova esperança de um século melhor. Então muitos, antecipando os seus desejos, em júbilo, celebravam com Virgílio seja os reinos de Saturno[4], seja o retorno o retorno da Virgem.

[2] Na verdade, porque – seja por ânsia do desejo, seja porque é verossímil – se crê que tu, nosso Sol, estás a demorar, ou se suspeita que possas retroceder, como se, uma vez mais, comandassem Josué ou do filho de Amoz, somos movidos pela incerteza a duvidar, e gritar com as palavras do Precursor: "És tu aquele que deveria vir? ou esperamos por outro?". E embora uma prolongada sede, ardente, como é de sua natureza, faça duvidar daquilo que é certo, porque é agora iminente, mesmo assim acreditamos em ti e esperamos, seguro que és o ministro de Deus e o filho da Igreja, e o promotor da glória de Roma. Na verdade, também eu, que escrevo para mim e para os outros, vi-te muito gracioso, e ouvi-te muito clemente, como convém à Majestade Imperial, quando minhas mãos tocaram teus pés e meus lábios saldaram a sua dívida. Então regozijou-se meu espírito em ti, quando silenciosamente me disse: 'Eis o Cordeiro de Deus, Aquele que tira os pecados do mundo'[5].

[3] Mas ficamos maravilhados que perdure o atraso[6], quando já vitorioso no vale do

1 Segundo uma antiga lenda, Tarpeia foi uma mulher romana que foi morta pelos Sabinos ao tentar trair Roma, tendo seduzido um guarda da cidadela do Capitólio com a promessa de ganhar uma braçadeira de ouro. O guarda cumpriu literalmente sua promessa, jogando, por desprezo, sobre Tarpeia a braçadeira, mas também um escudo. O mesmo fizeram os Sabinos, mostrando seu desprezo pela traidora, matando-a com o peso do metal jogado sobre ela.

2 Na mitologia grega, os deuses mais antigos são os Titãs, filhos de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra).

3 Os itálicos, ou italianos.

4 Saturno, expulso do céu por Júpiter, seu filho, refugiou-se no Lácio, onde reinou a idade do ouro, cheia de paz e abundância, tendo ensinado aos homens a agricultura. Na cultura pagã, o mito da volta da idade de ouro da humanidade encontra-se muito frequentemente na literatura clássica.

5 Nessa parte, Dante, remetendo várias vezes às palavras do Antigo Testamento e dos Evangelhos, sugere uma similitude entre o próprio Cristo e o Imperador, Henrique VII de Luxemburgo.

6 Nessa parte e no resto da epístola, Dante repreende o Imperador, Hentique VII, porque ele, ao invés de se dirigir rapidamente para a Toscana, onde aninha-se a "praga maligna" de Florença, que se opõe com fúria ao Imperador, permanece no norte da Itália, como se tivesse esquecido que o limite de seu império será o oceano, "sua fama as estrelas".

Pó, negligencias a Toscana, a esquece e a abandona como se pensasses que os direitos imperiais a serem preservados fossem circunscritos ao limites da Ligúria: não inteiramente, como suspeitamos, considerando que a gloriosa autoridade dos Romanos não é retida nem pelas fronteiras da Itália, nem pelos três cantos das bordas da Europa. Na verdade, embora limitado o seu governo pela violência sofrida, margeando por toda parte, por direito inviolável, com as ondas de Anfitrite, mal suporta ser cercada pela inútil onda do Oceano. Pois foi escrito para nós:

Nasce da bela estirpe o César troiano,
Ele fixará os limites do império ao oceano, sua fama às estrelas.

E quando Augusto decretou que toda a população da orbe deveria ser recenseada, tão iluminado pela chama do fogo eterno, muge, evangelizando, o nosso Boi, se o édito não tivesse sido promulgado pela corte do principado justíssimo, o Filho unigênito de Deus, feito homem, reconhecendo-se sujeito ao édito, de acordo com a natureza que assumira, jamais teria querido nascer da Virgem naquele tempo; pois um ato injusto não poderia ter convocado quem devia "realizar toda justiça".

[4] Aquele que o mundo todo espera por tanto tempo tenha então restrição a ser contido em um território assim limitado; e que não escape à atenção de Augusto que a tirania toscana, reforçada pela fidúcia do atraso, acumula novas forças alimentando diariamente o orgulho dos malfeitores, amontoando impudência sobre impudência. Que a voz de Curião a César seja ouvida mais uma vez:

Enquanto as facções se agitam, sem serem revigoradas por qualquer força, tolhamos a demora: é sempre danoso protelar, quando já se está pronto; por um preço maior são requeridos o mesmo trabalho e o mesmo risco.

Seja ouvida novamente a voz de Anubis que estimulava Enéias:

Se o não inflama a ambição de tão belo futuro, se nada pensa intentar em louvor de si próprio pense ao menos em Ascânio, que emerge, e na esperança do herdeiro Júlio, de que será o reino da Itália e a terra dominada de Roma

[5] De fato João, teu primogênito real e rei, a quem os descendentes próximos aguardam, após o pôr do dia que agora nasce, é para nós um segundo Ascânio, que, seguindo o exemplo do grande genitor, onde quer que esteja, como um leão, se enfurecerá

Dante recorre a vários exemplos para lembrar Henrique de sua missão: César e, sobretudo, Eneias, cujo filho, Ascánio, foi antepassado direto de João, filho de Henrique; assim, como este é descendente direto de Eneias, fundador de Roma.

contra os seguidores de Turno[7] e, como um cordeiro, exercitará a misericórdia em direção ao Latinos. Que sejam prudentes os elevados provimentos do mais sagrado rei, para que o juízo celestial não renove as palavras amargas de Samuel: “Por menor que foste aos teus próprios olhos, foste ungido chefe das tribos de Israel, e Deus te colocou no caminho dizendo: "Vá e destrua os pecadores de Amaleque?”. E, na realidade, também tu foste consagrado rei para destruir Amaleque e não perdoar Agague e para fazer vingança, em nome daquele que te enviou, da “gente brutal” e de seu “*regojizo apressado*”: como se diz que significam o nome de Amaleque e Agague[8].

[6] E tu, retendo-te durante a primavera, passado o inverno em Milão, pensas em extirpar a hidra pestilenta cortando suas cabeças? E se tivesses recordado os grandes feitos do magnânimo Hércules, saberias que poderia errar como o herói por cujos golpes crescia o animal pestilento, retornando com muitas cabeças; até que o magnânimo assaltasse com força o princípio vital. Para destruir uma árvore não basta a mera poda dos galhos que, de novo, com muito mais vigor, retornarão enquanto as raízes permanecerem íntegras a fornecer alimento. Tu, único custodiante do mundo, o que pensas ter realizado quando houver dobrado com firmeza a rebelde Cremona? Talvez a próxima ira inesperada não explodirá em Brescia ou em Pavia? De fato, tão logo aquela seja acalmada, imediatamente explodirá outra em Vercelli, em Bérgamo[9], ou em outro lugar, até que a causa raiz desta exuberância seja removida e, arrancada a raiz de todo o dano, sequem o tronco junto com o ramos espinhosos.

[7] Talvez ignores, excelentíssimo Príncipe, ou não consigas enxergar, do alto de tua fala, onde se hospeda, sem temor dos caçadores, a raposa, origem de tanto fedor? Pois a desgraçada não bebe nem do impetuoso Pó, nem do teu próprio Tibre, mas suas mandíbulas poluem até agora o fluxo impetuoso do Arno; e se chama Florença – poderias tu ignorar? – Florença é o nome dessa praga maligna. Ela é a víbora que se volta contra os órgãos vitais de sua própria mãe; ela é a ovelha doente que infecta o rebanho de seu senhor com seu contágio; esta cruel e ímpia Mirra, inflamada pelo desejo de acasalar com o pai Ciniras; esta é aquela apaixonada Amata que, rejeitado o fatal matrimônio, não teve o temor de reivindicar para si um genro que o destino lhe negava, mas furiosamente o incitou à guerra, e então, expiando aquilo que havia ousado, enforcou-se. Verdadeiramente, com a ferocidade de uma víbora, ela aspira dilacerar a mãe, enquanto aguça os chifres da rebelião contra Roma, que a fez à sua imagem e semelhança; e, enquanto o seu sangue corrompido evapora, exala vapores pestilentos, e então os rebanhos próximos, sem dar-se conta, corrompem-se, enquanto conquista os vizinhos de suas fronteiras, seduzindo-os com bajulação e enganos, entorpece aqueles que conquista. Verdadeiramente ela deseja acasalar com o pai, enquanto perversamente e desenfreadamente se esforça, contra ti,

7 Na *Eneida,* Turno é o rei dos Rútulos, um dos povos itálicos locais (latinos) se se opõem a Eneias, o troiano destinado por Deus a fundar Roma.
8 Amaleque e Amagues, reis dos Amalequitas, inimigos de Israel.
9 Cidades do Norte da Itália que se opuseram à vinda de Henrique VII.

para violar o acordo com o supremo Pontífice, que é o pai dos pais. Em verdade ela "resiste aos comandos de Deus", enquanto, adorando o ídolo de sua própria vontade, desprezando o legítimo soberano, não se envergonha, louca como é, de oferecer a um rei que não é o seu direitos que não são os seus, para um governo de malfeitorias. Mas que a mulher enfurecida se atente ao laço em que está se enredando. Pois muitas vezes quem se entrega a uma disposição perversa, como se estivesse em custódia, fará aquilo que não convém fazer; e embora as ações sejam injustas, os suplícios são reconhecidos como justos[10].

[8] Pois então, põe fim à demora, novo descendente de Jessé[11], ganha confiança em ti mesmo dos olhos do Senhor, Deus dos Exércitos, diante dos quais age; e derruba este Golias com a funda da tua sabedoria e com a pedra da tua força; pois ao cair da noite e a sombra do medo cobrirá o acampamento dos filisteus – os filisteus fugirão e Israel será libertada. Então nossa herança, que foi tirada, e pela qual lamentamos sem cessar, nos será integralmente restituída; e como tínhamos lamentado, lembrando santíssima Jerusalém, exilados na Babilônia, assim agora, como cidadãos vivendo em paz, recordaremos na alegria as misérias da anarquia.

Escrito na Toscana, debaixo das fontes de Arno, no dia dezessete de abril, no primeiro ano da viagem mais auspiciosa do santo Henrique para a Itália.

10 "Raposa"; "Praga malígna"; "Víbora"; "Ovelha doente"; "Cruel e ímpia mirra"; "Apaixonada Amada": apelidos atribuídos por Dante a sua própria cidade, Florença, que se opunha, com as armas e a astúcia, ao governo de Enrique VII, resistindo "aos comandos de Deus".

11 Pai de Davi, que enfrenta e vence o poderoso Golias, campeão dos filisteus, libertando Israel.

EPÍSTOLA VIII

Gloriosissime atque clementissime domine domine M. divina providentia Romanorum regine et semper Auguste, G. de Batifolle Dei et adiuvalis Magnificentie gratia comitissa in Tuscia palatina, tam debite quam devote subiectionis officium[1] ante pedes.

Gratissima regie Benignitatis epistola et meis oculis visa letanter et manibus fuit assumpta reverenter, ut decuit. Cumque significata per illam mentis aciem penetrando dulcescerent, adeo spiritus lectitantis[2] fervore devotionis incaluit, ut nunquam possint superare oblivia nec memoria sine gaudio memorare. Nam quanti vel qualis ego, ut ad enarrandum michi de sospitate consortis et sua, utinam diuturna!, coniux fortissima Cesaris condescendat? Quippe tanti pondus honoris neque merita gratulantis neque dignitas postulabat; sed nec etiam inclinari humanorum graduum dedecuit apicem, unde, velut a vivo fonte, sancte civilitatis exempla debent inferioribus emanare.

Dignas itaque persolvere grates non opis est hominis; verum ab homine alienum esse non reor pro insufficiente supplemento Deum exorare quandoque. Nunc ideo regni siderii iustis precibus atque piis aula pulsetur, et impetret supplicantis affectus quatenus mundi gubernator eternus condescensui tanto premia coequata retribuat, et ad auspitia Cesaris et Auguste dexteram gratie coadiutricis extendat; ut qui romani principatus imperio barbaras nationes et cives in mortalium tutamenta subegit, delirantis evi familiam sub triumphis et gloria sui Henrici reformet in melius.

1 No termo latim *officium* é implícita, indicando de alguma forma a ideia do *dever*, realçada também pelo *tam debite*.
2 *Lectitantis* pode significar seja *ler atentamente*, seja *ler ardorosamente*.

Epístola VIII[3]

À mais gloriosa e clemente soberana[4], Senhora M., pela Divina Providência Rainha dos Romanos e sempre Augusta, G. di Battifolle, pela graça de Deus e de Sua magnificência aliada, a Condessa Palatina da Toscana, faz uma humilde oferta de sua submissão zelosa e devotada.

Como é justo, a carta mais bem-vinda de sua benignidade real foi vista com alegria por meus olhos, e com devida reverência foi recebida em minhas mãos. E quando os conteúdos, penetrando minha mente, adquiriam doçura, o espírito de quem lê com atenção se efervesceu com o calor da devoção, que o esquecimento nunca pode extinguir, nem a lembrança evocada sem alegria. Pois quem e o que sou eu, para que a mais poderosa esposa de César condescenda em me informar sobre o bem-estar de si mesma e de seu esposo, que esperamos longa duração? Na verdade, nem os méritos de quem vos saúda, nem a sua dignidade poderiam esperar honra tão grande; no entanto, não era impróprio que o ápice das hierarquias humanas se inclinasse, uma vez que, a partir daí, como de uma fonte viva[5], exemplos de civilidade sagrada devam ser transmitidos aos de baixo.

Está além das faculdades do homem exprimir agradecimentos adequados; mas considero que não é inapropriado orar a Deus pedindo ajuda em sua insuficiência; portanto, agora, que pela corte do reino ressoem orações santas e justas; e que o afeto de quem suplica obtenha que o eterno governante do mundo possa retribuir, com recompensas proporcionais, a uma tal cortesia; e estenda a mão direita de sua Graça cooperativa, segundo as esperanças de César e de Augusto; porque quem[6] submete as nações bárbaras e os cidadãos ao império do principado romano, a defesa dos mortais[7], muda para melhor a família humana desta idade delirante, com os triunfos e a glória de seu Henrique.

3 Esta epístola e as duas sucessivas são de autoria de Dante, mas escritas em nome de uma terceira pessoa: a esposa do Conde Guido Guidi de Battifolle, Gherardesca, como respostas à esposa de Enrique VII, Margarida de Bramante. Apenas a terceira é datada: 18 de maio de 1311. Na primavera de 1311, Dante quase seguramente se encontrava no Casentino, no Castelo de Poppi, propriedade dos condes Guidi.
4 'Soberana' indica a ênfase da interação.
5 Em sentido bíblico: que dá a vida.
6 Aqui Dante se refere a Deus, que governa o mundo através de Henrique VII.
7 Com conotação universalista (*mortalium),* conforme o pensamento de Dante.

EPÍSTOLA IX

Serenissime atque piissime domine domine M. celestis miserationis intuitu Romanorum regine et semper Auguste, devotissima sua G. de Batifolle Dei et Imperii gratia largiente comitissa in Tuscia palatina, flexis humiliter genibus reverentie debitum exibet.

Regalis epistole documenta gratuita ea qua potui veneratione recepi, intellexi devote. Sed cum de prosperitate successuum vestri felicissimi cursus familiariter intimata concepi, quanto libens animus concipientis arriserit, placet potius commendare silentio tanquam nuntio meliori; non enim verba significando sufficiunt ubi mens ipsa quasi debria superatur. Itaque suppleat regie Celsitudinis apprehensio que scribentis humilitas explicare non potest.

At quamvis insinuata per litteras ineffabiliter grata fuerint et iocunda, spes amplior tamen et letandi causas accumulat et simul vota iusta confectat. Spero equidem, de celesti provisione confidens quam nunquam falli vel prepediri posse non dubito et que humane civilitati de Principe singulari providit, quod exordia vestri regni felicia semper in melius prosperata procedent. Sic igitur in presentibus et futuris exultans, ad Auguste clementiam sine ulla hesitatione recurro, et suppliciter tempestiva deposco quatenus me sub umbra tutissima vestri Culminis taliter collocare dignemini, ut cuiusque sinistrationis ab estu sim semper et videar esse secura.

Epístola IX

À mais serena e mais pia soberana, a Senhora M., pela misericordiosa dádiva da Rainha do Céu dos Romanos e eterna Augusta, vossa serva mais devotada, G. di Battifolle, pela graça generosa de Deus e do Império condessa Palatina na Toscana, sobre seus joelhos humildemente dobrados, apresenta sua devida reverência.

Recebi as declarações graciosamente despendidas na vossa carta real e, com toda a devoção possível, compreendi seu conteúdo. Mas, é preferível recomendar o silêncio, como melhor mensageiro, com quanta alegria seja bem disposto o ânimo de quem recebe, quando conheci os eventos confidencialmente anunciados, com os prósperos resultados de vosso felicíssimo percurso. De fato, não existem palavras para comunicar a própria a mente, quando esta se encontra, como ébria, subjugada. Que a compreensão de vossa Alteza forneça o que a humildade de quem não é capaz de explicar.

E embora as notícias contidas em vossa carta tenham sido indescritivelmente bem-vindas e agradáveis, uma mais ampla esperança acumula novas causas para o regozijo e conjuntamente gera legítimos auspícios. De fato espero, confiando na Providência celeste – que, como acredito firmemente, nunca pode ser enganada, nem impedida de seu propósito, e que estabeleceu um único Príncipe para a civilização humana[1] – que a feliz inauguração de vosso reinado seja confirmada pela prosperidade sempre crescente. Assim então, exultante no presente e no futuro, recorro sem qualquer hesitação à clemência de Augusta e, respeitosamente, suplico desde cedo para que vos digneis a me colocar em segurança sob a sombra de vossa Alteza[2], de modo que eu seja e me sinta sempre protegida da irrupção de qualquer desastre.

1 *Humani Civilitati*: no texto latino se revela um significado político, que se perde na tradução.
2 É tradução livre. Gherardesca diz: '*vestri Culminis*'.

EPÍSTOLA X

Illustrissime atque piissime domine domine Margarite divina providentia Romanorum regine et semper Auguste, fidelissima sua G. de Batifolle Dei et imperialis indulgentie gratia comitissa in Tuscia palatina, cum promptissima recommendatione se ipsam et voluntarium ad obsequia famulatum.

Cum pagina vestre Serenitatis apparuit ante scribentis et gratulantis aspectum, experta est mea pura fidelitas quam in dominorum successibus corda subditorum fidelium colletentur. Nam per ea que continebantur in ipsa, cum tota cordis hilaritate concepi qualiter dextera summi Regis vota Cesaris et Auguste feliciter adimplebat. Proinde gradum mee fidelitatis experta, petentis audeo iam inire officium.

Ergo ad audientiam vestre Sublimitatis exorans et suppliciter precor et devote deposco quatenus mentis oculis intueri dignemini prelibate interdum fidei puritatem. Verum quia nonnulla regalium clausularum videbatur hortari ut, si quando nuntiorum facultas adesset, Celsitudini regie aliquid peroptando de status mei conditione referrem, quamvis quedam presumptionis facies interdicat, obedientie tamen suadente virtute obediam. Audiat, ex quo iubet, Romanorum pia et serena Maiestas, quoniam tempore missionis presentium coniunx predilectus et ego, Dei dono, vigebamus incolumes, liberorum sospitate gaudentes, tanto solito letiores quanto signa resurgentis Imperii meliora iam secula promittebant.

Missum de Castro Poppii XV Kalendas Iunias, faustissimi cursus Henrici Cesaris ad Ytaliam anno primo.

Epistola X

À mais ilustre e graciosa soberana, Senhora Margarete, pela Divina Providência Rainha dos Romanos e sempre Augusta, vossa mais fiel G. di Battifolle, pela graça de Deus e por indulgência imperial Condessa Palatina na Toscana, com a mais zelosa devoção, oferece, em obediência, a si mesma e a própria servidão.

Quando a página de vossa Serenidade materializou-se diante dos olhos daquela que escreve para saudar-vos, minha límpida fidelidade se deu conta de quanto as almas dos fieis súditos regozijam-se diante da fortuna dos Senhores. Pois por quanto se disse, com toda satisfação do coração, compreendi como a mão direita do mais alto rei auspiciosamente trouxe a realização dos votos de César e de Augusta. Tendo então testemunhado o grau da minha fidelidade, ouso assumir o papel de quem pede.

Portanto, suplicando a atenção de vossa Alteza, eu peço suplicante e com devoção imploro que vossa Alteza possa se dignar a considerar com os olhos de sua mente a pureza da fidelidade já manifestada. Mas, porquanto algumas frases na carta real pareciam instar a isso, caso houvesse a oportunidade de um correio, me referiria à Alteza real, desejando informá-lo a respeito de alguns pormenores sobre as condições de meu estado, obedecerei, porque me aconselha a virtude da obediência, mesmo se me retém uma qualquer suspeita de presunção. Escutai, dado que o ordena a pia e serena Majestade dos Romanos, pois no tempo de envio da carta o meu amado marido e eu, pela graça de Deus, estávamos[1] em boa saúde, regozijando-nos com o bem-estar de nossos filhos, tanto mais alegres como de costume, em vista de que os signos da ressurreição do império já prometiam séculos melhores.

Enviado do castelo de Poppi, no dia 18 de maio, no primeiro ano da passagem mais auspiciosa do César Henrique pela Itália.

1 O uso o tempo imperfeito é devido à consideração de que, quando a carta chegar à Margarida, terá se passado um longo período de tempo.

EPÍSTOLA XI

[1] «Quomodo sola sedet civitas plena populo! facta est quasi vidua domina gentium». Principum quondam Phariseorum cupiditas que sacerdotium vetus abominabile fecit, non modo levitice prolis ministerium transtulit, quin et preelecte civitati David obsidionem peperit et ruinam. Quod quidem de specula punctali eternitatis intuens qui solus eternus est, mentem Deo dignam viri prophetici per Spiritum Sanctum sua iussione impressit, et is sanctam Ierusalem velut exstinctam per verba presignata et nimium, proh dolor!, iterata deflevit.

[2] Nos quoque eundem Patrem et Filium, eundem Deum et hominem, nec non eandem Matrem et Virginem profitentes, propter quos et propter quorum salutem ter de caritate interrogatum et dictum est: Petre, pasce sacrosanctum ovile; Romam -- cui, post tot triumphorum pompas, et verbo et opere Christus orbis confirmavit imperium, quam etiam ille Petrus, et Paulus gentium predicator, in apostolicam sedem aspergine proprii sanguinis consecravit --, cum Ieremia, non lugenda prevenientes, sed post ipsa dolentes, viduam et desertam lugere compellimur.

[3] Piget, heu! non minus quam plagam lamentabilem cernere heresium, quod impietatis fautores, Iudei, Saraceni et gentes, sabbata nostra rident, et, ut fertur, conclamant: «Ubi est Deus eorum?»; et quod forsan suis insidiis apostate Potestates contra defensantes Angelos hoc adscribunt; et, quod horribilius est, quod astronomi quidam et crude prophetantes necessarium asserunt quod, male usi libertate arbitrii, eligere maluistis.

[4] Vos equidem, Ecclesie militantis veluti primi prepositi pili, per manifestam orbitam Crucifixi currum Sponse regere negligentes, non aliter quam falsus auriga Pheton exorbitastis; et quorum sequentem gregem per saltus peregrinationis huius illustrare intererat, ipsum una vobiscum ad precipitium traduxistis. Nec adimitanda recenseo -- cum dorsa, non vultus, ad Sponse vehiculum habeatis, et vere dici possetis, qui Prophete ostensi sunt, male versi ad templum -- vobis ignem de celo missum despicientibus, ubi nunc are ab alieno calescunt; vobis columbas in templo vendentibus, ubi que pretio mensurari non possunt, in detrimentum hinc inde commorantium venalia facta sunt. Sed attendatis ad funiculum, attendatis ad ignem, neque patientiam contemnatis Illius qui ad penitentiam vos expectat. Quod si de prelibato precipitio dubitatur, quid aliud declarando respondeam, nisi quod in Alcimum cum Demetrio consensistis? [5] Forsitan ‘et quis iste, qui Oze repentinum supplicium non formidans, ad arcam, quamvis labantem, se erigit?’ indignanter obiurgabitis. Quippe de ovibus pascue Iesu Christi minima una sum; quippe nulla pastorali auctoritate abutens, quoniam divitie mecum non sunt. Non ergo divitiarum, sed gratia Dei sum id quod sum, et «zelus domus eius comedit me». Nam etiam «in ore lactentium et infantium» sonuit iam Deo placita veritas, et cecus natus veritatem confessus est, quam Pharisei non modo tacebant, sed et maligne reflectere conabantur. Hiis habeo persuasum quod audeo. Habeo preter hec preceptorem Phylosophum qui, cuncta moralia dogmatizans, amicis omnibus

veritatem docuit preferendam. Nec Oze presumptio quam obiectandam quis crederet, quasi temere prorumpentem me inficit sui tabe reatus; quia ille ad arcam, ego ad boves calcitrantes et per abvia distrahentes attendo. Ille ad arcam proficiat qui salutiferos oculos ad naviculam fluctuantem aperuit.

[6] Non itaque videor quemquam exacerbasse ad iurgia; quin potius confusionis ruborem et in vobis et aliis, nomine solo archimandritis, per orbem dumtaxat pudor eradicatus non sit totaliter, accendisse; cum de tot pastoris officium usurpantibus, de tot ovibus, et si non abactis, neglectis tamen et incustoditis in pascuis, una sola vox, sola pia, et hec privata, in matris Ecclesie quasi funere audiatur.

[7] Quidni? Cupiditatem unusquisque sibi duxit in uxorem, quemadmodum et vos, que nunquam pietatis et equitatis, ut caritas, sed semper impietatis et iniquitatis est genitrix. A, mater piissima, sponsa Christi, que in aqua et Spiritu generas tibi filios ad ruborem! Non caritas, non Astrea, sed filie sanguisuge facte sunt tibi nurus; que quales pariant tibi fetus, preter Lunensem pontificem omnes alii contestantur. Iacet Gregorius tuus in telis aranearum; iacet Ambrosius in neglectis clericorum latibulis; iacet Augustinus abiectus, Dionysius, Damascenus et Beda; et nescio quod 'Speculum', Innocentium, et Ostiensem declamant. Cur non? Illi Deum querebant, ut finem et optimum; isti census et beneficia consecuntur.

[8] Sed, o patres, ne me phenicem extimetis in orbe terrarum; omnes enim que garrio murmurant aut mussant aut cogitant aut somniant, et que inventa non attestantur. Nonnulli sunt in admiratione suspensi: an semper et hoc silebunt, neque Factori suo testimonium reddent? Vivit Dominus, quia qui movit linguam in asina Balaam, Dominus est etiam modernorum brutorum.

[9] Iam garrulus factus sum: vos me coegistis. Pudeat ergo tam ab infra, non de celo ut absolvat, argui vel moneri. Recte quidem nobiscum agitur, cum ex ea parte pulsatur ad nos ad quam cum ceteris sensibus inflet auditum, ac pariat pudor in nobis penitudinem, primogenitam suam, et hec propositum emendationis aggeneret.

[10] Quod ut gloriosa longanimitas foveat et defendat, Romam urbem, nunc utroque lumine destitutam, nunc Annibali nedum alii miserandam, solam sedentem et viduam prout superius proclamatur, qualis est, pro modulo vestre ymaginis ante mentales oculos affigatis oportet. Et ad vos hec sunt maxime qui sacrum Tiberim parvuli cognovistis. Nam etsi Latiale caput pie cunctis est Ytalis diligendum tanquam comune sue civilitatis principium, vestrum iuste censetur accuratissime colere ipsum, cum sit vobis principium ipsius quoque esse. Et si ceteros Ytalos in presens miseria dolore confecit et rubore confudit, erubescendum esse vobis dolendumque quis dubitet, qui tam insolite sui vel Solis eclipsis causa fuistis? Tu pre omnibus, Urse, ne degradati college perpetuo remanerent inglorii; et illi, ut militantis Ecclesie veneranda insignia que forsan non emeriti sed inmeriti coacti posuerant, apostolici culminis auctoritate resumerent. Tu quoque, transtiberine sectator factionis alterius, ut ira defuncti Antistitis in te velut ramus insitionis in trunco non suo frondesceret, quasi triumphatam

Carthaginem nondum exueras, illustrium Scipionum patrie potuisti hunc animum sine ulla tui iudicii contradictione preferre.

[11] Emendabitur quidem -- quanquam non sit quin nota cicatrix infamis Apostolicam Sedem usque ad ignem, cui celi qui nunc sunt et terra sunt reservati, deturpet --, si unanimes omnes qui huiusmodi exorbitationis fuistis auctores, pro Sponsa Christi, pro sede Sponse que Roma est, pro Ytalia nostra, et ut plenius dicam, pro tota civitate peregrinante in terris, viriliter propugnetis, ut de palestra iam cepti certaminis undique ab Occeani margine circumspecta, vosmetipsos cum gloria offerentes, audire possitis: «Gloria in excelsis»; et ut Vasconum obprobrium qui tam dira cupidine conflagrantes Latinorum gloriam sibi usurpare contendunt, per secula cuncta futura sit posteris in exemplum.

Epistola XI

Aos Cardeais italianos, Dante Florentino etc.

[1] "Como sozinha senta a cidade que já foi cheia de povo! Ela se fez parecida com a viúva, a senhora das gentes!". Antigamente a avareza dos Fariseus, que tornou abominável o antigo sacerdócio, não somente transferiu o ministério que era próprio da estirpe dos Levi[1], mas à mais que eleita cidade de David trouxe assédio e ruínas. Vendo isso através do espelho da eternidade pontual, Aquele, que só é o Eterno, gravou a mente digna de Deus do Profeta, por meio do Espírito Santo, com seu comando, e ele chorou a santa Jerusalém como extinta com as palavras já ditas e muito, ó pena!, recorrentes.

[2] Nós também que declaramos a identidade do Pai e do Filho, da Mãe e da Santa Virgem, nós, para quem e por cuja salvação, depois da tríplice interrogação sobre o amor, foi dito: "Pedro, alimente o rebanho sagrado"; Roma, à qual, depois de tantas pompas triunfais, com a palavra e com os fatos, Cristo confirmou o império do mundo, e que também Pedro e Paulo, o Apóstolo das gentes, consagraram na sede apostólica com o derramamento de seu sangue, não tendo Jeremias[2] previsto os lutos, mas lamentando-nos depois dos lutos; somos obrigados a chorar por ela, viúva e abandonada.

[3] Entristece, ó pena!, não menos que ver uma chaga, pedindo lamentação, o fato de que os responsáveis de ímpias heresias, os Judeus, os Sarracenos e os Gentis, debocham de nossos sábados, e como se vem dizendo, em coro perguntam: "Onde está o seu Deus?"; e que talvez as apóstatas Potestades contra os Anjos defensores atribuam isso às suas próprias insídias: e que, coisa mais abominável de todas, alguns astrônomos e alguns tipos de profetas grosseiros afirmam ser necessário aquilo que vós, usando mal do livre arbítrio, preferistes escolher.

[4] Logo vós, que da Igreja militante sois os prepostos primipilos[3], ao longo do sulco claramente identificado pela Cruz, deixando de sustentar o carro da Igreja, assim como o falso auriga Fetonte[4], saístes do caminho: e vós, que deveis levar a luz para o rebanho, confiante, através dos pastos desta peregrinação, o conduzistes convosco ao abismo. E não dou exemplos, já que vos volteis as costas e não o rosto ao carro da Esposa[5], e realmente poderiam ser chamados daqueles que foram mostrados ao Profeta com as costas acintosamente viradas ao templo; a vós, que menosprezais o fogo advindo do céu, enquanto as aras queimam agora de um outro fogo, a vós que vendeis as pombas no templo, enquanto as coisas que não possuem medida de preço, como condenação

1 Ao contrapor a tribo israelita dos Levi à fação dos fariseus, um grupo político-religioso da antiga Judeia que se propunha como legítimo intérprete das leis judaicas, Dante relembra a destruição de Jerusalém e remete diretamente à situação de caos em que se encontra a Itália contemporânea, privada de um rei e de um papa, à mercê das lutas internas e externas, como uma viúva sozinha e abandonada.

2 O profeta Jeremias previu, sem ser ouvido, a captura e a deportação para Babilônia do povo judeu.

3 No antigo exército romano, os primipilos eram os comandantes da vanguarda dos triários, os que levavam a águia ou o pendão: 'vanguardistas'.

4 Fetonte, filho do sol, obteve de seu pai a permissão de dirigir o carro solar, mas não soube controlar os cavalos de Apolo e foi atingido por um raio lançado por Jupiter, que o fez cair para terra e se afogar em um rio.

5 A esposa é a Igreja.

daqueles que fazem trocas entre si, tornam-se venais. Mas pensai no açoite, pensai no fogo e não menosprezai a paciência daquele que vos aguarda em penitência. Que, se se tem dúvidas sobre o abismo de que falei, o que mais responder ao claro comentário, que vós entrastes em acordo com Demétrio para escolher Alcimo[6]?

[5] Talvez: "e quem é este que, não temendo o imediato suplício de Oseias[7], levanta-se em direção à arca, mesmo estando a ponto de cair?", daríeis a bronca desdenhosa. Certo, eu sou a última da ovelha, nos pastos de Jesus Cristo: certo, não abuso de nenhuma autoridade pastoral, pois não tenho riquezas. Não, então, por mérito das riquezas, mas "pela graça de Deus sou aquilo que eu sou" e "o zelo de sua casa me devora". Pois também nos lábios das crianças de leite e dos meninos já tem ressoado a verdade cara a Deus, e um cego de nascença proclamou a verdade que os Fariseus não somente calavam, mas com malícia buscavam burlar. Por causa destes exemplos estou persuadido daquilo que ouso. Além disso, tenho como mestre o Filósofo[8], que, estabelecendo todos os princípios da moral, ensinou que a verdade deve ser anteposta a todo amigo. Nem a pretensão de Oza, que alguém pensou em me jogar na cara, com a putrefação da sua culpa me infecta, quase como alguém que temerariamente fizesse irrupção. Pois ele cuida da arca, eu cuido dos bois recalcitrantes que a levam a lugares fora do caminho. Da arca cuide Aquele que abriu os olhos portadores da salvação no navio que estava à mercê das ondas.

[6] Não me parece, portanto, ter exacerbado ninguém, levando-o a usar das injúrias; caso contrário, ter acendido antes acalorada confusão dentre vós e os outros, arquimandritas[9] somente pelo nome, mesmo que a vergonha no mundo não tenha sido desenraizada completamente. Já que, de tantos usurpadores, foi tarefa do pastor de tantas ovelhas, embora não roubadas, no entanto malcuidadas e abandonadas nos pastos, uma só voz, uma só e devotada voz: e esta voz de um privado, se ouve no funeral, quase, da mãe.

[7] Por que não? Cada um casou-se, como vós, com a avareza, que nunca é, como a caridade, geradora da piedade e da equidade, mas sempra da impiedade e da iniquícia. Ah, mãe piíssima, esposa de Cristo, que em água e espírito geras filhos que trazem a tua vergonha! Não o Amor, não Astrea[10], mas as filhas da sanguessuga se tornaram tuas noras: quais filhos elas geram, tirando o bispo de Luni[11], todos os outros o demonstram. Jaz o teu Gregório entre teias de aranhas: jaz Ambrósio nos esquecidos armazéns dos clérigos; jaz Agostino, deixado por trás, Dioniso, Damaceno e Beda[12]; e não sei qual 'Espelho' e

6 Demétrio era um rei sírio que fez um acordo com Alcino, adversário de Judas Macabeu, para que ele se tornasse sacerdote, a fim de enfraquecer a fé hebraica. Aqui, Demétrio é o rei da França, Felipe, o Belo; Alcino, o recém falecido papa, Clemente V.

7 Oseias foi um dos profetas do povo de Israel.

8 O "filósofo" por excelência para Dante: Aristóteles.

9 Grandes pastores de almas.

10 A Justiça, filha de Astreu.

11 Sarcasmo de Dante: Luigi Gherardino Malaspina, bispo de Luni, tinha sido retirado do cargo por má conduta por Henrique VII.

12 Santo Ambrósio, arcebispo de Milão; Santo Agostinho de Tagaste, bispo de Hipona; Dionísio, o Aeropagita; São João Damaceno: Beda, e Venerável. Outros tantos Pais da Igreja.

Inocêncio e o Ostiense[13] declamam. Por que não? Aqueles procuravam Deus como fim e sumo bem: estes procuram entradas e benefícios.

[8] Mas, ó pai, não acreditem que eu seja uma fênix no mundo inteiro: todos, de fato, murmuram ou bisbilhotam ou sonham as coisas que eu grito, e não declaram aquilo que viram. Alguns estão como suspensos, em atônita maravilha: mas vão estar sempre calados, e não darão testemunho de seu Feitor? Vive o Senhor, já que Aquele que moveu a língua da jumenta de Balaão [14], é Senhor também dos animais brutos de hoje.

[9] Já me tornei petulante: vós me obrigastes a isso. Envergonhai-vos, pois então, por serdes acusados e admoestados de lugar tão baixo, não do Céu, para o Perdão. Na realidade, age-se bem conosco quando recebemos golpes contra nós, daquela parte em direção da qual a vergonha aumenta seu ouvido e os outros sentidos, gerando em nós o arrependimento, seu filho primogênito, e isso é o propósito da correção.

[10] E para que tal propósito uma gloriosa magnanimidade secunde e defenda, a cidade de Roma, agora priva de uma e da outra luz, agora digna de ser comiserada até pelo próprio Aníbal[15], senta sozinha e viúva (como na profecia lembrada acima), tal como ela é, como medida da vossa imaginação, é necessário que seja mantida fixa na frente dos olhos da mente. E essas coisas dizem respeito sobretudo a vós, que desde meninos conhecestes o Tibre sagrado. Depois, embora a capital do Lácio deva ser piamente amada por todos os Italianos, como princípio comum da sua civilização, dir-se-á com razão que cabe a vós venerá-la com a maior devoção, sendo para vós também o princípio de sua própria essência. E se hoje a miséria tem aniquilado na dor e confundido no rubor da vergonha todos os outros Italianos, quem duvidará que devereis enrubecer e vos condoer, vós que fostes então a causa de um extraordinário eclipse daquele que se diz ser o seu Sol? Tu, antes de todos, Orso[16], para que o colégio destituído da graça não permanecesse em perpétuo sem honras; e aqueles retomassem, com a autoridade da Sumidade apostólica, as sagradas insígnias da Igreja militante que, obrigados, depuseram, talvez não merecidamente, mas sem mérito. Tu também, Trasteverino[17], seguaz da outra facção, para que a ira do defunto Pontífice em ti, como ramo de transplante em um tronco não dele, florecesse, a ira da qual contra a vencida Cartago ainda não tinhas te despido, pudeste antepor à ilustre pátria dos Scipiones este espírito, sem nenhuma contradição do teu julgamento.

[11] Pois então, remediar-se-á, embora não se possa impedir que um vergonhoso signo deturpe a Sede Apostólica até o fogo, ao qual são reservados os céus de agora e a terra, se, todos de acordo: vós, que fostes os autores de tamanho equívoco, para a Esposa

13 Dante se refere ao *Speculum iudiciale* de Guilherme Durante, ou talvez ao *Speculum legatorum*; e ao *Apparatus in quinque libros Decretalium*, do Inocêncio IV, e às obras do bispo de Ostia, Henrique de Susa.

14 Balaão é uma figura de adivinho que aparece no Pentateuco. Ele possui uma jumenta capaz de ver os anjos e de falar, louvando Deus.

15 General cartaginês que lutou longamente contra Roma durante as Guerras Púnicas (III e II séc. a. C.), chegando a invadir a Itália e a ameaçar diretamente Roma.

16 Napoleone Orsini del Monte, fautor do partido francês, defendia os interesses da família Colonna.

17 Iacopo Stefaneschi, cardeal do partido dos Caetani, adversário dos Orsini e dos Colonna. É chamado de *tratesverino* porque seu bairro se localiza em Santa Maria in Trastevere.

de Cristo, para a Sede da Esposa que é Roma, para a nossa Itália e, enfim, para a inteira humanidade peregrina na terra, combatereis virilmente para que da sala da luta já iniciada, para a qual se dirigem os olhares de toda parte dos confins do Oceano, oferecendo vós mesmos para que com glória possais ouvir "Glória no alto dos Céus", e para que o opróbrio dos Guascões[18], que ardendo de avidez tão sem piedade, tentam usurpar a glória dos Latinos para todos os séculos futuros seja exemplo para os pósteros.

18 Os guascões, aos quais pertencia Clemente V, eram tidos como gananciosos e brutais.

EPÍSTOLA XII

[1] In litteris vestris et reverentia debita et affectione receptis, quam repatriatio mea cure sit vobis et animo, grata mente ac diligenti animadversione concepi; et inde tanto me districtius obligastis, quanto rarius exules invenire amicos contingit. Ad illarum vero significata responsio, etsi non erit qualem forsan pusillanimitas appeteret aliquorum, ut sub examine vestri consilii ante iudicium ventiletur, affectuose deposco.

[2] Ecce igitur quod per litteras vestras meique nepotis nec non aliorum quamplurium amicorum, significatum est michi per ordinamentum nuper factum Florentie super absolutione bannitorum quod si solvere vellem certam pecunie quantitatem vellemque pati notam oblationis, et absolvi possem et redire ad presens. In qua quidem duo ridenda et male preconsiliata sunt, pater; dico male preconsiliata per illos qui talia expresserunt, nam vestre littere discretius et consultius clausulate nichil de talibus continebant.

[3] Estne ista revocatio gratiosa qua Dantes Alagherii revocatur ad patriam, per trilustrium fere perpessus exilium? Hocne meruit innocentia manifesta quibuslibet? hoc sudor et labor continuatus in studio? Absit a viro phylosophie domestico temeraria tantum cordis humilitas, ut more cuiusdam Cioli et aliorum infamium quasi vinctus ipse se patiatur offerri! Absit a viro predicante iustitiam ut perpessus iniurias, iniuriam inferentibus, velut benemerentibus, pecuniam suam solvat!

[4] Non est hec via redeundi ad patriam, pater mi; sed si alia per vos ante aut deinde per alios invenitur que fame Dantisque honori non deroget, illam non lentis passibus acceptabo; quod si per nullam talem Florentia introitur, nunquam Florentiam introibo. Quidni? nonne solis astrorumque specula ubique conspiciam? nonne dulcissimas veritates potero speculari ubique sub celo, ni prius inglorium ymo ignominiosum populo Florentineque civitati me reddam? Quippe nec panis deficiet.

Epistola XII

Ao amigo florentino.

[1] Por meio de tua carta, a qual recebi com a devida reverência e com afeto, tomei conhecimento, com a mente grata e estudo minucioso, quanto meu chamado de retorno à Florença tem sido objeto de teu cuidado e preocupação; e eu, por isso, sou-te o mais devedor, porquanto raramente acontece que um exilado possa encontrar amigos. Mesmo se a resposta ao conteúdo da carta não seja aquela que desejam alguns pusilânimes, afetuosamente peço que, antes de qualquer julgamento, seja submetida ao exame da tua sabedoria.

[2] Eis então que a partir das tuas cartas e de meu sobrinho, bem como daquelas de semelhantes amigos, foi-me comunicado que, pelos termos de um decreto[1] recentemente promulgado em Florença sobre a absolvição dos exilados, poderia ser absolvido e retornar imeditamente, se eu aceitasse oferecer uma certa quantia de dinheiro e suportar o estigma da oblação; e estas duas coisas são ridículas e mal aconselhadas, ó Pai; digo, mal aconselhadas por aqueles que as emitiram, pois a tua carta, formulada discreta e sabiamente, nada disto contém.

[3] É esta a benigna revogação pela qual Dante Alighieri é reconvocado à pátria, após ter sofrido o exílio por quase três lustros? Esta é a recompensa da inocência manifesta a todos? Este o suor e o contínuo empenho nos estudos? Não se adequa a um homem familiarizado com a filosofia uma baixeza de coração tão imprudente para suportar ser oferecida, quase derrotado, ao modo de um qualquer Ciolo[2] ou de outros infâmes! Não se adequa a um homem que prega a justiça, depois de ter suportado a injustiça, pagar com o próprio dinheiro, como benfeitores, precisamente àqueles que cometaram a injustiça.

[4] Meu pai[3], não é este o caminho do retorno à pátria. Mas se antes tu, e depois outros, puderes encontrar um outro que não viole a fama e a honra de Dante, este aceitarei, não a passos lentos; e se não se ingressa à Florença por este, nunca mais retornarei à Florença. O quê? Não poderei observar de qualquer lugar a luz do sol e dos astros? Não poderei, sob qualquer céu, meditar as verdades mais doces, sem que primeiro retorne à Florença, inglório e ignonímio diante do povo florentino? Certamente o pão não faltará.

1 Em 19 de maio de 1315 o governo dos *Neri* de Florença tinha promovido uma anistia para todos os exilados *Bianchi*. A anistia previa a possibilidade de voltar à cidade desde que os exilados pagassem uma multa e se submetessem a uma cerimônia de penitência pública. Dante rechaça vigorosamente essa possibilidade, que julga humilhante e indigna.
2 Provavelmente um delinquente comum, conhecido na época.
3 Como acima, o apelativo meu pai não indica somente deferência, mas poderia sugerir que o interlocutor de Dante é um religioso.

EPÍSTOLA XIII

Magnifico atque victorioso domino domino Cani Grandi de la Scala sacratissimi Cesarei Principatus in urbe Verona et civitate Vicentie Vicario Generali, devotissimus suus Dantes Alagherii florentinus natione non moribus, vitam orat per tempora diuturna felicem et gloriosi nominis perpetuum incrementum.

[1] Inclita vestre Magnificentie laus, quam fama vigil volitando disseminat, sic distrahit in diversa diversos, ut hos in spem sue prosperitatis attollat, hos exterminii deiciat in terrorem. Huius quidem preconium, facta modernorum exsuperans, tanquam veri existentia latius arbitrabar aliquando superfluum. Verum ne diuturna me nimis incertitudo suspenderet, velut Austri regina Ierusalem petiit, velut Pallas petiit Elicona, Veronam petii fidis oculis discursurus audita, ibique magnalia vestra vidi, vidi beneficia simul et tetigi; et quemadmodum prius dictorum ex parte suspicabar excessum, sic posterius ipsa facta excessiva cognovi. Quo factum ut ex auditu solo cum quadam animi subiectione benivolus prius exstiterim, sed ex visu postmodum devotissimus et amicus.

[2] Nec reor amici nomen assumens, ut nonnulli forsitan obiectarent, reatum presumptionis incurrere, cum non minus dispares connectantur quam pares amicitie sacramento. Nam si delectabiles et utiles amicitias inspicere libeat, illis persepius inspicienti patebit preheminentes inferioribus coniugari personas. Et si ad veram ac per se amicitiam torqueatur intuitus, nonne summorum illustriumque principum plerunque viros fortuna obscuros, honestate preclaros, amicos fuisse constabit? Quidni, cum etiam Dei et hominis amicitia nequaquam impediatur excessu? Quod si cuiquam quod asseritur nunc videretur indignum, Spiritum Sanctum audiat, amicitie sue participes quosdam homines profitentem; nam in Sapientia de sapientia legitur «quoniam infinitus thesaurus est hominibus, quo qui usi sunt, participes facti sunt amicitie Dei». Sed habet imperitia vulgi sine discretione iudicium; et quemadmodum solem pedalis magnitudinis arbitratur, sic et circa mores vana credulitate decipitur. Nos autem quibus optimum quod est in nobis noscere datum est, gregum vestigia sectari non decet, quin ymo suis erroribus obviare tenemur. Nam intellectu ac ratione degentes, divina quadam libertate dotati, nullis consuetudinibus astringuntur; nec mirum, cum non ipsi legibus, sed ipsis leges potius dirigantur. Liquet igitur quod superius dixi, me scilicet esse devotissimum et amicum, nullatenus esse presumptum.

[3] Preferens ergo amicitiam vestram quasi thesaurum carissimum, providentia diligenti et accurata solicitudine illam servare desidero. Itaque, cum in dogmatibus moralis negotii amicitiam adequari et salvari analogo doceatur, ad retribuendum pro collatis beneficiis plus quam semel analogiam sequi mihi votivum est; et propter hoc munuscula mea sepe multum conspexi et ab invicem segregavi nec non segregata percensui, digniusque gratiusque vobis inquirens. Neque ipsi preheminentie vestre congruum comperi magis quam Comedie sublimem canticam que decoratur titulo Paradisi; et illam sub presenti epistola, tanquam sub epigrammate proprio dedicatam, vobis ascribo, vobis offero, vobis denique recommendo.

[4] Illud quoque preterire silentio simpliciter inardescens non sinit affectus, quod in hac donatione plus dono quam domino honoris et fame conferri videri potest; quin ymo, cum eius titulo iam presagium de gloria vestri nominis amplianda satis attentis videbar expressisse; quod de proposito. Sed zelus gratie vestre, quam sitio vitam parvipendens, a primordio metam prefixam urgebit ulterius. Itaque, formula consumata epistole, ad introductionem oblati operis aliquid sub lectoris officio compendiose aggrediar.

[5] Sicut dicit Phylosophus in secundo Metaphysicorum: «sicut res se habet ad esse, sic se habet ad veritatem»; cuius ratio est, quia veritas de re, que in veritate consistit tanquam in subiecto, est similitudo perfecta rei sicut est. Eorum vero que sunt, quedam sic sunt ut habeant esse absolutum in se; quedam sunt ita ut habeant esse dependens ab alio per relationem quandam, ut eodem tempore esse et ad aliud se habere ut relativa; sicut pater et filius, dominus et servus, duplum et dimidium, totum et pars, et huiusmodi, in quantum talia. Propterea quod esse talium dependet ab alio, consequens est quod eorum veritas ab alio dependeat; ignorato enim dimidio, nunquam cognoscitur duplum, et sic de aliis.

[6] Volentes igitur aliqualem introductionem tradere de parte operis alicuius, oportet aliquam notitiam tradere de toto cuius est pars. Quapropter et ego, volens de parte supra nominata totius Comedie aliquid tradere per modum introductionis, aliquid de toto opere premittendum existimavi, ut facilior et perfectior sit ad partem introitus. Sex igitur sunt que in principio cuiusque doctrinalis operis inquirenda sunt, videlicet subiectum, agens, forma, finis, libri titulus, et genus phylosophie. De istis tria sunt in quibus pars ista quam vobis destinare proposui variatur a toto, scilicet subiectum, forma et titulus; in aliis vero non variatur, sicut apparet inspicienti; et ideo circa considerationem de toto ista tria inquirenda seorsum sunt: quo facto, satis patebit ad introductionem partis. Deinde inquiremus alia tria non solum per respectum ad totum, sed etiam per respectum ad ipsam partem oblatam.

[7] Ad evidentiam itaque dicendorum sciendum est quod istius operis non est simplex sensus, ymo dici potest polysemos, hoc est plurium sensuum; nam primus sensus est qui habetur per litteram, alius est qui habetur per significata per litteram. Et primus dicitur litteralis, secundus vero allegoricus, sive moralis, sive anagogicus. Qui modus tractandi, ut melius pateat, potest considerari in hiis versibus: «In exitu Israel de Egipto, domus Iacob de populo barbaro, facta est Iudea sanctificatio eius, Israel potestas eius». Nam si ad litteram solam inspiciamus, significatur nobis exitus filiorum Israel de Egipto, tempore Moysis; si ad allegoriam, nobis significatur nostra redemptio facta per Christum; si ad moralem sensum, significatur nobis conversio anime de luctu et miseria peccati ad statum gratie; si ad anagogicum, significatur exitus anime sancte ab huius corruptionis servitute ad eterne glorie libertatem. Et quanquam isti sensus mystici variis appellentur nominibus, generaliter omnes dici possunt allegorici, cum sint a litterali sive historiali diversi. Nam allegoria dicitur ab ‘alleon’ grece, quod in latinum dicitur ‘alienum’, sive ‘diversum’.

[8] Hiis visis, manifestum est quod duplex oportet esse subiectum, circa quod currant alterni sensus. Et ideo videndum est de subiecto huius operis, prout ad litteram accipitur; deinde de subiecto, prout allegorice sententiatur. Est ergo subiectum totius operis, litteraliter tantum accepti, status animarum post mortem simpliciter sumptus; nam de illo et circa illum totius operis versatur processus. Si vero accipiatur opus allegorice, subiectum est homo prout merendo et demerendo per arbitrii libertatem iustitie premiandi et puniendi obnoxius est.

[9] Forma vero est duplex: forma tractatus et forma tractandi. Forma tractatus est triplex, secundum triplicem divisionem. Prima divisio est, qua totum opus dividitur in tres canticas. Secunda, qua quelibet cantica dividitur in cantus. Tertia, qua quilibet cantus dividitur in rithimos. Forma sive modus tractandi est poeticus, fictivus, descriptivus, digressivus, transumptivus, et cum hoc diffinitivus, divisivus, probativus, improbativus, et exemplorum positivus.

[10] Libri titulus est: 'Incipit Comedia Dantis Alagherii, florentini natione, non moribus'. Ad cuius notitiam sciendum est quod comedia dicitur a 'comos' villa et 'oda' quod est cantus, unde comedia quasi 'villanus cantus'. Et est comedia genus quoddam poetice narrationis ab omnibus aliis differens. Differt ergo a tragedia in materia per hoc, quod tragedia in principio est admirabilis et quieta, in fine seu exitu est fetida et horribilis; et dicitur propter hoc a 'tragos' quod est hircus et 'oda' quasi 'cantus hircinus', idest fetidus ad modum hirci; ut patet per Senecam in suis tragediis. Comedia vero inchoat asperitatem alicuius rei, sed eius materia prospere terminatur, ut patet per Terentium in suis comediis. Et hinc consueverunt dictatores quidam in suis salutationibus dicere loco salutis, 'tragicum principium et comicum finem'. Similiter differunt in modo loquendi: elate et sublime tragedia; comedia vero remisse et humiliter, sicut vult Oratius in sua Poetria, ubi licentiat aliquando comicos ut tragedos loqui, et sic e converso: Interdum tamen et vocem comedia tollit, iratusque Chremes tumido delitigat ore; et tragicus plerunque dolet sermone pedestri Telephus et Peleus, etc. Et per hoc patet quod Comedia dicitur presens opus. Nam si ad materiam respiciamus, a principio horribilis et fetida est, quia Infernus, in fine prospera, desiderabilis et grata, quia Paradisus; ad modum loquendi, remissus est modus et humilis, quia locutio vulgaris in qua et muliercule comunicant. Sunt et alia genera narrationum poeticarum, scilicet carmen bucolicum, elegia, satira, et sententia votiva, ut etiam per Oratium patere potest in sua Poetria; sed de istis ad presens nihil dicendum est.

[11] Potest amodo patere quomodo assignandum sit subiectum partis oblate. Nam si totius operis litteraliter sumpti sic est subiectum, status animarum post mortem, non contractus sed simpliciter acceptus, manifestum est quod hac in parte talis status est subiectum, sed contractus, scilicet status animarum beatarum post mortem. Et si totius operis allegorice sumpti subiectum est homo prout merendo et demerendo per arbitrii libertatem est iustitie premiandi et puniendi obnoxius, manifestum est in hac parte hoc subiectum contrahi, et est homo prout merendo obnoxius est iustitie premiandi.

[12] Et sic patet de forma partis per formam assignatam totius; nam si forma tractatus in toto est triplex, in hac parte tantum est duplex, scilicet divisio cantuum et rithimorum. Non eius potest esse propria forma divisio prima, cum ista pars sit prime divisionis.

[13] Patet etiam de libri titulo; nam si titulus totius libri est 'Incipit Comedia etc.', ut supra; titulus autem huius partis est 'Incipit cantica tertia Comedie Dantis etc., que dicitur Paradisus'.

[14] Inquisitis his tribus in quibus variatur pars a toto, videndum est de aliis tribus in quibus nulla variatio est a toto. Agens igitur totius et partis est ille qui dictus est, et totaliter videtur esse.

[15] Finis totius et partis esse posset et multiplex, scilicet propinquus et remotus; sed, omissa subtili investigatione, dicendum est breviter quod finis totius et partis est removere viventes in hac vita de statu miserie et perducere ad statum felicitatis

[16] Genus vero phylosophie sub quo hic in toto et parte proceditur, est morale negotium, sive ethica; quia non ad speculandum, sed ad opus inventum est totum et pars. Nam si in aliquo loco vel passu pertractatur ad modum speculativi negotii, hoc non est gratia speculativi negotii, sed gratia operis; quia, ut ait Phylosophus in secundo Methaphysicorum, «ad aliquid et nunc speculantur practici aliquando».

[17] Hiis itaque premissis, ad expositionem littere secundum quandam prelibationem accedendum est, quod *** de expositione littere, nichil aliud est quam forme operis manifestatio. Dividitur ergo ista pars, seu tertia cantica que Paradisus dicitur, principaliter in duas partes, scilicet in prologum et partem executivam. Pars secunda incipit ibi: 'Surgit mortalibus per diversas fauces'.

[18] De parte prima sciendum est quod, quamvis comuni ratione dici posset exordium, proprie autem loquendo non debet dici nisi prologus; quod Phylosophus in tertio Rhetoricorum videtur innuere, ubi dicit quod «proemium est principium in oratione rethorica sicut prologus in poetica, et preludium in fistulatione». Est etiam prenotandum quod prenuntiatio ista, que comuniter exordium dici potest, aliter fit a poetis, aliter fit a rethoribus. Rethores enim concessere prelibare dicenda ut animum comparent auditoris; sed poete non solum hoc faciunt, quin ymo post hec invocationem quandam emittunt. Et hoc est eis conveniens, quia multa invocatione opus est eis, cum aliquid contra comunem modum hominum a superioribus substantiis petendum est, quasi divinum quoddam munus. Ergo presens prologus dividitur in partes duas, quia in prima premittitur quid dicendum sit, in secunda invocatur Apollo; et incipit secunda pars ibi: 'O bone Apollo, ad ultimum laborem'.

[19] Propter primam partem notandum quod ad bene exordiendum tria requiruntur, ut dicit Tullius in Nova Rethorica, scilicet ut benevolum et attentum et docilem reddat aliquis auditorem; et hoc maxime in admirabili genere cause, ut ipsemet Tullius dicit. Cum ergo materia circa quam versatur presens tractatus sit admirabilis, et propterea ad admirabile reducenda, ista tria intenduntur in principio exordii sive prologi. Nam dicit se dicturum ea que vidit ritinere non potuit in primo celo. In quo dicto omnia illa tria comprehenduntur;

nam in utilitate dicendorum benivolentia paratur; in admirabilitate attentio; in possibilitate docilitas. Utilitatem innuit, cum recitaturum se dicit ea que maxime allectiva sunt desiderii humani, scilicet gaudia Paradisi; admirabilitatem tangit, cum promittit se tam ardua tam sublimia dicere, scilicet conditiones regni celestis; possibilitatem ostendit, cum dicit se dicturum que mente retinere potuit; si enim ipse, et alii poterunt. Hec omnia tanguntur in verbis illis ubi dicit se fuisse in primo celo, et quod dicere vult de regno celesti quicquid in mente sua, quasi thesaurum, potuit retinere. Viso igitur de bonitate ac perfectione prime partis prologi, ad litteram accedatur.

[20] Dicit ergo quod 'gloria primi Motoris', qui Deus est, 'in omnibus partibus universi resplendet', sed ita ut 'in aliqua parte magis, et in aliqua minus'. Quod autem ubique resplendeat, ratio et auctoritas manifestat. Ratio sic: Omne quod est, aut habet esse a se, aut ab alio: sed constat quod habere esse a se non convenit nisi uni, scilicet primo seu principio, qui Deus est; cum habere esse non arguat per se necesse esse, et per se necesse esse non competat nisi uni, scilicet primo seu principio, quod est causa omnium; ergo omnia que sunt, preter unum ipsum, habent esse ab alio. Si ergo accipiatur ultimum in universo, non quodcunque, manifestum est quod id habet esse ab aliquo; et illud a quo habet, a se vel ab aliquo habet. Si a se, sic est primum; si ab aliquo, et illud similiter vel a se vel ab aliquo. Et esset sic procedere in infinitum in causis agentibus, ut probatur in secundo Metaphysicorum, erit devenire ad primum, qui Deus est. Et sic, mediate vel inmediate, omne quod habet esse habet esse ab eo; quia ex eo quod causa secunda recipit a prima, influit super causatum ad modum recipientis et reddentis radium, propter quod causa prima est magis causa. Et hoc dicitur in libro De Causis quod «omnis causa primaria plus influit super suum causatum quam causa universalis secunda». Sed hoc quantum ad esse.

[21] Quantum vero ad essentiam, probo sic: Omnis essentia, preter primam, est causata, aliter essent plura que essent per se necesse esse, quod est impossibile: quod causatum, vel a natura est vel ab intellectu, et quod a natura, per consequens causatum est ab intellectu, cum natura sit opus intelligentie; omne ergo quod est causatum, est causatum ab aliquo intellectu vel mediate vel inmediate. Cum ergo virtus sequatur essentiam cuius est virtus, si essentia intellectiva, est tota et unius que causat. Et sic quemadmodum prius devenire erat ad primam causam ipsius esse, sic nunc essentie et virtutis. Propter quod patet quod omnis essentia et virtus procedat a prima, et intelligentie inferiores recipiant quasi a radiante, et reddant radios superioris ad suum inferius ad modum speculorum. Quod satis aperte tangere videtur Dionysius de Celesti Hierarchia loquens. Et propter hoc dicitur in libro De Causis quod «omnis intelligentia est plena formis». Patet ergo quomodo ratio manifestat divinum lumen, id est divinam bonitatem, sapientiam et virtutem, resplendere ubique.

[22] Similiter etiam et scientius facit auctoritas. Dicit enim Spiritus Sanctus per Hieremiam: «Celum et terram ego impleo»; et in Psalmo: «Quo ibo a spiritu tuo? et quo a facie tua fugiam? Si ascendero in celum, tu illic es; si descendero in infernum, ades. Si sumpsero pennas meas etc.». Et Sapientia dicit quod «Spiritus Domini replevit orbem

terrarum». Et Ecclesiasticus in quadragesimo secundo: «Gloria Domini plenum est opus eius». Quod etiam scriptura paganorum contestatur; unde Lucanus in nono: «Iuppiter est quodcunque vides, quocunque moveris».

[23] Bene ergo dictum est cum dicit quod divinus radius sive divina gloria, 'per universum penetrat et resplendet': penetrat, quantum ad essentiam; resplendet, quantum ad esse. Quod autem subicit de 'magis et minus', habet veritatem in manifesto; quoniam videmus in aliquo excellentiori gradu essentiam aliquam, aliquam vero in inferiori; ut patet de celo et elementis, quorum quidem illud incorruptibile, illa vero corruptibilia sunt.

[24] Et postquam premisit hanc veritatem, prosequitur ab ea circumloquens Paradisum; et dicit quod fuit in celo illo quod de gloria Dei, sive de luce, recipit affluentius. Propter quod sciendum quod illud celum est celum supremum, continens corpora universa et a nullo contentum, intra quod omnia corpora moventur, ipso in sempiterna quiete permanente ««« et a nulla corporali substantia virtutem recipiens. Et dicitur empyreum, quod est idem quod celum igne sui ardoris flagrans; non quod in eo sit ignis vel ardor materialis, sed spiritualis, quod est amor sanctus sive caritas.

[25] Quod autem de divina luce plus recipiat, potest probari per duo: primo, per suum omnia continere et a nullo contineri; secundo, per sempiternam suam quietem sive pacem. Quantum ad primum probatur sic: Continens se habet ad contentum in naturali situ sicut formativum ad formabile, ut habetur in quarto Physicorum: sed in naturali situ totius universi primum celum est omnia continens; ergo se habet ad omnia sicut formativum ad formabile, quod est se habere per modum cause. Et cum omnis vis causandi sit radius quidam influens a prima causa que Deus est, manifestum est quod illud celum quod magis habet rationem cause, magis de luce divina recipit.

[26] Quantum ad secundum, probatur sic: Omne quod movetur, movetur propter aliquid quod non habet, quod est terminus sui motus; sicut celum lune movetur propter aliquam partem sui, que non habet illud ubi ad quod movetur; et quia sui pars quelibet non adepto quolibet ubi, quod est impossibile, movetur ad aliud, inde est quod semper movetur et nunquam quiescit, et est eius appetitus. Et quod dico de celo lune, intelligendum est de omnibus, preter primum. Omne ergo quod movetur est in aliquo defectu, et non habet totum suum esse simul. Illud igitur celum quod a nullo movetur, in se in qualibet sui parte habet quicquid potest modo perfecto, ita quod motu non indiget ad suam perfectionem. Et cum omnis perfectio sit radius primi, quod est in summo gradu perfectionis; manifestum est quod celum primum magis recipit de luce primi, qui est Deus. Ista tamen ratio videtur arguere ad destructionem antecedentis, ita quod simpliciter et secundum formam arguendi non probat. Sed si consideremus materiam eius, bene probat, quia de quodam sempiterno, in quo potest defectus sempiternari: ita quod, si Deus non dedit sibi motum, patet quod non dedit sibi materiam in aliquo egentem. Et per hanc suppositionem tenet argumentum ratione materie; et est similis modus arguendi ac si dicerem: Si homo est, est risibile; nam in omnibus convertibilibus tenet similis ratio gratia materie. Sic ergo patet: quod cum dicit 'in illo celo, quod plus de luce Dei recipit', intelligit circumloqui Paradisum, sive celum empyreum.

[27] Premissis quoque rationibus consonanter dicit Phylosophus in primo De Celo quod celum «tanto habet honorabiliorem materiam istis inferioribus, quanto magis elongatum est ab hiis que hic». Ad hoc etiam posset adduci quod dicit Apostolus ad Ephesios de Christo: «Qui ascendit super omnes celos, ut adimpleret omnia». Hoc est celum delitiarum Domini; de quibus delitiis dicitur contra Luciferum per Ezechielem: «Tu signaculum similitudinis, sapientia plenus et perfectione decorus in deliciis Paradisi Dei fuisti».

[28] Et postquam dixit quod fuit in loco illo Paradisi per suam circumlocutionem, prosequitur dicens se vidisse aliqua que recitare non potest qui descendit. Et reddit causam dicens 'quod intellectus in tantum profundat se' in ipsum 'desiderium suum', quod est Deus, 'quod memoria sequi non potest'. Ad que intelligenda sciendum est quod intellectus humanus in hac vita, propter connaturalitatem et affinitatem quam habet ad substantiam intellectualem separatam, quando elevatur, in tantum elevatur, ut memoria post reditum deficiat propter transcendisse humanum modum. Et hoc insinuatur nobis per Apostolum ad Corinthios loquentem, ubi dicit: «Scio hominem, sive in corpore sive extra corpus, nescio, Deus scit, raptum usque ad tertium celum, et vidit arcana Dei, que non licet homini loqui». Ecce, postquam humanam rationem intellectus ascensione transierat, quid extra se ageretur non recordabatur. Et hoc est insinuatum nobis in Matheo, ubi tres discipuli ceciderunt in faciem suam, nihil postea recitantes, quasi obliti. Et in Ezechiele scribitur: «Vidi. et cecidi in faciem meam». Et ubi ista invidis non sufficiant, legant Richardum de Sancto Victore in libro De Contemplatione, legant Bernardum in libro De Consideratione, legant Augustinum in libro De Quantitate Anime, et non invidebunt. Si vero in dispositionem elevationis tante propter peccatum loquentis oblatrarent, legant Danielem, ubi et Nabuchodonosor invenient contra peccatores aliqua vidisse divinitus, oblivionique mandasse. Nam «qui oriri solem suum facit super bonos et malos, et pluit super iustos et iniustos», aliquando misericorditer ad conversionem, aliquando severe ad punitionem, plus et minus, ut vult, gloriam suam quantumcunque male viventibus manifestat.

[29] Vidit ergo, ut dicit, aliqua 'que referre nescit et nequit rediens'. Diligenter quippe notandum est quod dicit 'nescit et nequit': nescit quia oblitus, nequit quia, si recordatur et contentum tenet, sermo tamen deficit. Multa namque per intellectum videmus quibus signa vocalia desunt: quod satis Plato insinuat in suis libris per assumptionem metaphorismorum; multa enim per lumen intellectuale vidit que sermone proprio nequivit exprimere.

[30] Postea dicit se dicturum illa que de regno celesti retinere potuit, et hoc dicit esse 'materiam' sui operis; que qualia sint et quanta, in parte executiva patebit.

[31] Deinde cum dicit: 'O bone Apollo', etc., facit invocationem suam. Et dividitur ista pars in partes duas: in prima invocando petit; in secunda suadet Apollini petitionem factam, remunerationem quandam prenuntians; et incipit secunda pars ibi: 'O divina virtus'. Prima pars dividitur in partes duas: in prima petit divinum auxilium, in secunda tangit necessitatem sue petitionis, quod est iustificare ipsam, ibi: 'Hucusque alterum iugum Parnassi' etc.

[32] Hec est sententia secunde partis prologi in generali. In speciali vero non exponam ad presens; urget enim me rei familiaris angustia, ut hec et alia utilia reipublice derelinquere oporteat. Sed spero de Magnificentia vestra ita ut alias habeatur procedendi ad utilem expositionem facultas.

[33] In parte vero executiva, que fuit divisa iuxta totum prologum, nec dividendo nec sententiando quicquam dicetur ad presens, nisi hoc, quod ubique procedetur ascendendo de celo in celum, et recitabitur de animabus beatis inventis in quolibet orbe, et quod vera illa beatitudo in sentiendo veritatis principium consistit; ut patet per Iohannem ibi: «Hec est vita eterna, ut cognoscant te Deum verum etc.»; et per Boetium in tertio De Consolatione ibi: «Te cernere finis». Inde est quod ad ostendendum gloriam beatitudinis in illis animabus, ab eis tanquam videntibus omnem veritatem multa querentur que magnam habent utilitatem et delectationem. Et quia, invento principio seu primo, videlicet Deo, nichil est quod ulterius queratur, cum sit Alfa et O, idest principium et finis, ut visio Iohannis designat, in ipso Deo terminatur tractatus, qui est benedictus in secula seculorum.

Epístola XIII

Ao magnífico e vitorioso senhor, o senhor Cangrande della Scala, Vigário general do sacratíssimo Principato Cesáreo na cidade de Verona e na cidade de Vicenza, Dante Alighieri, florentino de nascimento, não de costumes, a ele devotíssimo, deseja vida feliz por longos anos, e que seu glorioso renome possa aumentar na eternidade.

[1] O ínclito louvor de vossa Magnificência que a fama vigililante esvoaçando aqui e ali difunde provoca efeitos diversos entre os homens dividindo-os em dois partidos opostos: um; que se exalta na esperança de seu próprio sucesso; outro; que se abate na perturbação pela sua própria derrota. Devo confessar que a voz desse louvor, mais ampla que aquela que pode corresponder às ações dos homens de hoje, eu a julguei excessiva num dado tempo, superior à realidade. Por muito tempo me pesou a falta por notícias confiáveis, de modo que, como a Rainha de Sabá vem a Jerusalém, como Palade vem a Elicona, eu vim a Verona averiguar com meus próprios olhos aquilo que tenho ouvido dizer: e aqui vi vossa grandiosidade, vi o bem que tendes feito e eu mesmo o experimentei; e como anteriormente eu duvidara de que o que se dizia de vós pudesse ser exagerado, do mesmo modo depois reconheci que o que tendes feito é excepcional. Decorre que antes, apenas de ouvir falar de vós, eu provava um sentimento de benevolência ditado pela sujeição; depois, tão logo vos vi, esse sentimento se transformou num senso de grande devoção e de amizade.

[2] Penso que, ao tomar o nome de amigo, posso pecar por presunção – do que poderiam me culpar – se é verdade que o sagrado vínculo da amizade une entre si quer pessoas de estado semelhante, quer pessoas de estado dessemelhante. Decorre que, se examinamos atentamente as amizades por afinidade e aquelas por necessidade, ficará evidente que quase sempre pessoas eminentes costumam se ligar a outras de situação inferior. E se voltarmos nosso olhar para a amizade perfeita e desinteressada, não ficará claro que homens de fortuna incerta mas de honestidade evidente se tornaram amigos de grandes e ilustres príncipes? E por que não, quando da mesma forma a amizade entre Deus e o homem não é impedida pela enorme distância que os separa? Assim sendo, se esta afirmação parecesse blasfêmia a alguém, que escutem pelo menos ao Espírito Santo que testemunha que alguns homens têm parte na sua amizade; de fato, pode-se ler um livro da *Sabedoria* a propósito da própria: “De modo que ela é tesouro infinito para os homens e aqueles que fazem uso dela têm parte na amizade com Deus.” Mas a ignorância do homem comum formula juízos sem discernimento; e como conclui que o sol tenha em seu diâmetro a largura de um pé, assim tudo o que diz respeito aos costumes é tirado do mero engano da credulidade. Mas nós a quem foi concedido ter a consciência do melhor que há em nós, não devemos recalcar aos demais, mas tenhamos em mente que devemos corrigir seus desvios. Aqueles que são de fato conscientes da força do intelecto racional e do dom divino do livre arbítrio não podem ser obrigados por nenhum costume; e não é de maravilhar-se, se é verdade que não havendo lei, de regulamento inferior é que retiram a sua norma. É claro então que isso que eu disse acima, ou seja, que tenho por vós senso de grande devoção e de amizade não é de modo algum pecado de presunção.

[3] Tenho assim, mais que qualquer outra coisa, a vossa amizade como um tesouro muito estimado, e é o meu desejo conservá-la com todo o cuidado, todo o primor, me antecipando e me precavendo das mínimas coisas que possam perturbá-la. Assim, do mesmo modo que se ensina na *Ética* que o conceito do 'análogo' estabelece a igualdade entre os amigos e conserva a amizade por corresponder de toda forma aos benefícios mais de uma vez recebidos, faço aqui o meu voto de seguir o conceito de 'analogia'; e é dessa forma que eu por muito tempo analisei os pobres dons que podia oferecer e os coloquei a parte, e os reexaminei atentamente perguntando quais deles fossem os mais dignos de vós e que vos agradariam mais. E não consegui encontrar nada tão apropriado a vossa alteza quanto a suprema cantiga da Comédia que se adorna com o título de *Paraíso*. Esta, com a presente epístola, que apresenta talvez a função de um epigrama de dedicatória, coloco sob o vosso nome, esta vos ofereço, esta vos confio.

[4] Mas o que o grande afeto não pode fazer é deixar passar despercebido o fato de que esse dom que eu vos apresento pode fazer parecer que o dom em si, mais do que aquilo que ele traz, porte consigo a honra e a fama. Mas ao contrário, já do título que eu aqui coloco procuro exprimir, como será bem esclarecido aos leitores mais atentos, e era o meu propósito, como que uma sombra do crescimento do seu renome glorioso. Contudo, o desejo pelo vosso favor, que prezo mais do que a própria vida, será como que um incitamento a proceder mais rapidamente em direção à meta que me coloquei já na partida. Assim, exaurida a fórmula da epístola me cingirei, em vestes de *lector*, para expor resumidamente alguns pontos que servem como *accessus* da obra oferecida.

[5] Como diz o filósofo no segundo livro da *Metafísica: "*no modo em que cada coisa se apresenta no confronto do ser, assim está no confronto dela com a verdade" o que significa que a verdade de uma coisa, que consiste na verdade enquanto objeto, está na perfeita semelhança com a coisa em si. Mas entre as coisas que são algumas, no entanto, são tais que têm em si o ser absoluto; outras são tais que têm em si um ser que depende de outro por relação, como ser e ao mesmo tempo estar em relação a outro como coisa relativa, como o pai e o filho, o patrão e o servo, o dobro e a metade, o todo e a parte, e assim por diante enquanto tal decorre. Uma vez que o ser de tais coisas depende um do outro, a consequência é que a sua verdade depende daquela outra; se de fato se ignorasse o conceito de metade não se poderia conhecer o conceito de dobro e assim por diante.

[6] Querendo assim fornecer uma introdução a uma parte de uma obra, é necessário fornecer alguma notícia da estrutura da qual é parte. Então eu, querendo oferecer alguma informação, como introdução a parte já recordada de toda a *Comedia*, pensei em introduzir alguns esclarecimentos gerais, para que o acesso a parte fosse mais fácil e completo. Na realidade, no começo de qualquer obra doutrinal devem ser considerados seis elementos: o assunto, o agente, a forma, o fim, o título do livro e o gênero filosófico. Entre esses, três variam nessa parte que me propus dedicar a ti: o assunto, a forma o título; para os outros não há variações, como compreendem quem lê atentamente; e por isso, para a análise

do conjunto da obra, esses três devem ser considerados separadamente: isto aparecerá suficientemente na introdução da parte. Então discutiremos as outras três, não apenas no confronto do todo, mas também em relação a parte oferecida.

[7] Para tornar explícito aquilo que diremos, é necessário saber que esta obra não tem um único significado, mas pode ser dita polissêmica, isto é, portadora de muitos significados; na verdade o primeiro significado se obtém pela palavra, um outro se dá pelo se tem pelo sentido que se quer dar à palavra. E o primeiro significado se diz literal, o segundo alegórico, ou moral ou anagógico. Os modos de tratar um argumento podem ser considerados, para maior clareza, nesses versos: "Quando Israel partiu do Egito, e a casa de Jacó se afastou de um povo bárbaro, a nação judia foi consagrada a Deus e Israel se tornou seu domínio". Na realidade, se olharmos apenas a palavra, entendemos a fuga dos filhos de Israel do Egito, no tempo de Moisés; se olharmos a alegoria, entendemos que a nossa salvação é realizada em Cristo; se olharmos o significado moral, entendemos a conversão da alma do luto e da miséria do pecado ao estado de graça; se olharmos para o sentido anagógico, entendemos a saida da alma santa da servidão desta corrupção à eterna liberdade da glória. E, ainda que esses significados místicos sejam chamados por vários termos, todos podem ser ditos, em geral, alegóricos, pois são diversos dos literais, ou históricos. Na verdade, a alegoria deriva do grego *alleon*, que em latim se diz *alienum*"ou *diversum*.

[8] Dito isso, é evidente que deve ser dúplice um assunto em torno do qual crescem significados alternativos. E por isso se deverá examinar o assunto desta obra, segundo que se faça literalmente; ou então segundo que se faça alegoricamente. E, portanto, o assunto de toda a obra, limitadamente à palavra, é simplesmente o estado da alma depois da morte; na realidade toda a obra procede tratando disso e, assim, o circunscrevendo. Se, ao invés, de se considerar a obra do ponto de vista da alegoria, o assunto é o homem, que, por seus méritos e deméritos, pela liberdade do arbítrio, é exposto à justiça que premia e pune.

[9] A forma é dúplice: concerne ao esquema do tratado e o modo de expor. O esquema do tratado é tríplice, segundo uma tríplice divisão. A primeira é aquela pela qual toda a obra se divide em três cânticos. A segunda, aquela pela qual cada cântico se divide em canções. A terceira é aquela pela qual cada canção se divide em versos. A forma, isto é o modo de expor, é poética, inventiva, descritiva, digressiva, metafórica e, com isso, precisa e determinada, distributiva, persuasiva, negativa e de exêmplos concretos.

[10] O título do livro é: "Começa a *Comedia* de Dante Alighieri, florentino de nascimento, não de costumes". Para entender o título, é preciso saber que a palavra *comedìa* deriva da palavra *comos*, vila, e *oda*, que significa *canto*: onde *comedìa* se evidencia como "canto da vila". E a *comedìa* é um gênero de narração poética diversa de todos os outros. É nisso diversa da tragédia, porque a tragédia, em princípio, é maravilhosa e serena e no final, isto é, na conclusão, repugnante e horrível; e por isso leva o nome de *tragos*, que significa *bode*, e *oda*, ou seja "canto do bode", isto é, fétido como o bode: como se evidencia das

tragédias de Sêneca. A comédia, na verdade, inicia com uma situação adversa mas termina sua matéria com êxito alegre: como aparece das comédias de Terêncio. E por isso alguns compositores, em suas saudações, tinham o habito de usar a fórmula: "trágico início e fim cômico". Assim também se diferenciam na linguagem: elevado e sublime na tragédia, resignado e humilde na comédia, como quer Horácio, na sua *Poética*, onde admite que às vezes os comediantes falam como poetas trágicos e vice-versa:

Algumas vezes, entretanto, também a comédia levanta a voz, e um Cremes irado, com cara enfurecida, exaspera-se. Também o trágico muitas vezes lamenta-se em linguagem prosaica, qual Télefo ou Peleu etc.

E por isso se demonstra porque esta obra se chama *Comedia*. Se consideramos a matéria, em princípio é fétida e horrível, porque trata do Inferno, ao final alegre, desejável e agradável, pois trata do Paraíso. Para aquilo que concerne a linguagem, é resignada e humilde, pois é a língua vulgar, com a qual se comunicam também as mulherzinhas. E assim são claras as razões pela qual se chama *Comedia*. Existem outros gêneros de narração poética, isto é, o poema bucólico, a elegia, a sátira e a canção votiva, como também se pode verificar na Poetica de Horácio: mas destes, agora, não direi nada.

[11] Pode-se, de agora em diante, dizer em qual modo se determina o assunto da parte que vos ofereço. De fato, se o assunto de toda a obra, entendido em modo literal, é o estado das almas depois da morte, não limitado mas recebido no seu conjunto, é evidente que, nesta parte, este estado das almas é o assunto, mas limitado, porque trata dos estados das almas beatas depois da morte. E se o assunto alegórico de toda obra é o homem, que, com méritos e deméritos, pela liberdade do arbítrio, é exposto a justiça que premia e pune, é claro qe nessa parte o assunto limitado é o homem que, por mérito, obtém a justiça do prêmio.

[12] E assim se julga a forma da parte através da forma do todo; na realidade, se a forma de todo tratado é tríplice, nesta parte é apenas duplíce, com a divisão em cantos e versos. A primeira divisão em cânticos não pode ser forma dessa parte, pois essa é uma parte da primeira divisão.

[13] Também estão claros o título do livro e suas razões; na realidade o título de todo o livro é "Começa a Comédia etc.", como acima; ao invés, o título dessa parte é "Começa o terceiro cântico da *Comedia* de Dante etc. que se chama *Paradiso*".

[14] Analisados os três casos nos quais a parte é diversa do todo, é necessário considerar os outros três, no qual não há nenhuma difereça do resto da obra. O autor de toda obra e da parte singular é aquele do qual se disse, e o é plenamente.

[15] O fim geral de toda obra e da parte individual poderia ser múltiplo, isto é, próximo ou remoto; mas, desprezada toda sutileza, é preciso dizer brevemente que o fim do todo e da parte singular é aquele de desviar daqueles que vivem nesta vida em um estado de miséria e conduzi-los a um estado de felicidade.

[16] O gênero de filosofia dentro do qual se procede, no conjunto e na parte individual, é a moral, isto é a ética; pois o todo e a parte são projetados não para a teoria, mas para a práxis. De fato, se em qualquer lugar ou em qualquer passagem se procede de modo especulativo, não é para a atividade teórica, mas para a práxis; pois, como diz o Filósofo no segundo livro da *Metafisica*, "os filósofos práticos às vezes são impelidos a teorizar, em um certo momento e por alguma coisa em particular".

[17] Posto tudo isso, podemos transitar às paráfrases literais, com uma explicação literal preliminar, Portanto, colocadas essas observações, podemos dar andamento a uma primeira tentativa de expor a letra da obra, considerando que a exposição da letra de uma obra não é nada mais do que o esclarecimento da forma da obra. Esta parte, o que *** pelo que se refere à paráfrase literal, não é outra senão uma demonstração da estrutura da obra. Então esta parte, isto é, o terceiro cântico do *Paradiso*, se divide em duas partes: o prólogo e o conteúdo. A segunda parte começa quase na metade do primeiro canto: "Surge aos mortais por diversas fozes"

[18] Por aquilo que se refere à primeira parte, é preciso observar que, ainda que comumente possa ser dita exórdio, propriamente não pode ser chamada senão de prólogo: coisa que o Filósofo, no terceiro livro da *Retorica*, parece aprovar, onde diz que: "o proêmio é o início de uma oração retórica, como o prólogo na poesa e o prelúdio em uma composição musical". E é também preciso notar que esta intervenção, que comumente se chama exórdio, é desenvolvido em maneira diversa dos poetas e dos oradores. Os oradores, na realidade, permitiam antecipar aquilo que deviam dizer, para preparar o ânimo dos ouvintes; mas os poetas não apenas o fazem, mas também realizam uma invocação em seguida. E isto os convém, pois necessitam de muita invocação, quando devem pedir às substâncias superiores algo em contraste com os procedimentos comuns dos homens, quase um dom divino. Por isso este prólogo se divide em duas partes, pois na primeira se antecipa quanto deve ser dito, na segunda se invoca Apolo; e começa a segunda parte: "Oh, bom Apolo, para esta tarefa final".

[19] Por aquilo que se refere à primeira parte, é preciso observar que, para um bom exórdio, requerem-se três coisas, como diz Cícero na *Nova Rethorica*, isto é, tornar o ouvinte benévolo, atento e dócil; e isso sobretudo no gênero exemplar das causas, como diz o próprio Cícero. E já que a matéria da qual se trata no presente tratado é exemplar, e deve ser remetida ao gênero exemplar, na prática se traduzem esses três princípios ao início do exórdio, ou do prólogo. Na realidade, o autor diz que exprimirá o que aqueles que viram no primeiro céu não puderam recordar. Nesta afirmação se encontram os três princípios; na realidade, conquista a benevolência do leitor com a eficácia das coisas que dirá; a atenção com o esplendor da matéria; o consenso com a confiabilidade das coisas narradas. Ele dá a conhecer a utilidade, quando diz que cantará aquilo que é mais tentador para o desejo humano, isto é as alegrias do Paraíso; solicita a atenção e a maravilha quando promete dizer coisas tão árduas como sublimes, isto é, as condições do reino celeste; apresenta a

possibilidade, quando diz que irá expor aquilo que a mente pôde conservar; e se ele mesmo pôde, outros poderão. Todos esses temas são afrontados lá onde diz ter estado no primeiro céu; e que significa contar do reino celeste aquilo que pôde conservar, em sua mente, como se fosse um tesouro. Considerada a bondade e a perfeição da primeira parte do prólogo, avancemos à explicação literal.

[20] Pois diz-se "A glória do motor primeiro", que é Deus, "resplandece em todas as partes do universo", de tal forma que "em umas mais, em outras menos". Agora, que resplandece em todas as partes o mostram a razão e a autoridade manifestada. A razão o faz desta forma: tudo que é, ou tem de o ser *a se*, ou o ser *ab alio*. Mas consta que ter o ser *a se* não convém a não ser ao um, quer dizer, ao primeiro princípio, que é Deus, porque ter o ser não implica necessariamente ser *per se*; e ser *per se* necessariamente não é próprio, mas sim de uno, quer dizer, do primeiro o princípio, que é a causa de todas as coisas; assim, todas as coisas que são, a não ser o uno mesmo, tem seu ser *ab alio*. Desta forma, caso se considere o último [ser] no universo, não importando qual que seja, é claro que este tem o seu ser *ab aliquo*, e que aquele pelo qual o tens, *a se* o *ab aliquo.* Se o tem *a se*, então é o primeiro, se *ab aliquo,* também aquele igualmente *a se* ou *ab aliquo*. De tal modo se iria ao infinito na relação de causas agentes, como se mostra no segundo livro da *Metafísica*: chegando assim ao primeiro, que é Deus. Desta forma, todas as coisas, direta ou indiretamente, o são Dele: de modo que a causa segunda recebe da primeira, influi sobre o causado, tal como o espelho que recebe um raio e o reflete, pelo qual a causa primeira é mais que a segunda. E isto está escrito no *Livro das causas*, "toda causa primeira influi mais em seu causado que a causa universal segunda". Mas isto no que diz respeito ao ser.

[21] No que diz respeito à essência, a evidencio da seguinte forma: toda a essência, exceto a primeira, deriva de outra; de outro modo, haveria muitas que necessariamente existiriam *per se,* o qual é impossível. Agora, o causado o é pela natureza ou pelo entendimento: o que é pela natureza é, desta forma, causado pelo entendimento, uma vez que a natureza é obra dele próprio. Desta forma, todo o causado, é causado *ab aliquo* entendimento, mediata ou imediatamente: como a virtude, a qual deriva da essência do que é virtude, e caso se trate de uma essência intelectual, também neste caso toda a sua virtude deriva dessa única que a causa. Dado que, como dito anteriormente, deve-se alcançar a causa primeira do ser, agora de toda a essência e de toda a virtude. Por isso, é evidente que toda essência e virtude derivam da primeira, e que as inteligências inferiores as recebem do mesmo modo do lugar de onde irradiam, e entregam os raios do superior aos inferiores, assim como os espelhos. Estes parecem tocar *Dioniso* claramente quando trata da hierarquia celeste. E no livro *Das causas* está escrito que "toda inteligência está cheia de formas". Assim, é claro que, por meio da razão, é mostrada a luz divina, isto é a bondade, a sabedoria e a virtude divina, as quais resplandecem por todas as partes.

[22] Da mesma forma e modo mais sábio o demonstra a autoridade: diz o Espírito Santo por meio de Jeremias: “Eu preencho o Céu e a Terra”; e no *Salmo*: “Para onde foi teu espírito? E aonde fugirei de teu olhar? Se subir ao Céu, Tu estarás ali; se descer ao Inferno, também estarás presente […]” E no livro da *Sabedoria* está escrito que “o Espírito do Senhor cobriu todo o orbe da Terra”; e no *Eclesiástico*, no capítulo quarenta e dois: “Com a glória do Senhor sua obra está coberta”. Isto também testemunham os escritos dos pagãos, como em Lucano, no livro nono: “Júpiter é tudo o que se vê, todo a que te diriges”.

[23] Pois é bem dito quando afirma-se que o raio divino ou a glória de Deus “penetra e resplandece por todo universo”: penetra, no que diz respeito à essência; resplandece, ao ser. Mas quando agrega em algumas partes “mais e menos”, é uma verdade ao descoberto, uma vez que vemos uma essência em um grau de maior excelência, e outra em um de inferioridade, como aparentam o Céu e os elementos: aquele é de certo incorruptível; enquanto estes são corruptíveis.

[24] Uma vez estabelecida esta verdade, deixa-a para trás para tratar do paraíso. Diz que foi naquele céu que recebeu com maior abundância da glória de Deus ou de sua Luz. Deve-se, desta forma, saber que este céu é o supremo, que contém a totalidade dos corpos em si, e não está em nenhum outro, e que dentro dele se movem todos os corpos, enquanto ele permanece em uma constante imobilidade, e não recebe sua virtude de nenhuma outra substância corpórea. Este céu se chama ‘Empíreo’, o qual é o mesmo que “céu de fogo” ou “inflamado pelo ardor”, não porque este seja fogo ou ardor material, mas sim espiritual, isto é o sacro amor e a caridade.

[25] Agora, que é ele que é iluminado pela luz divina é algo que podemos demonstrar de duas maneiras: primeiro, pelo fato de conter todas as coisas e não ser contido por nada; segundo, por sua quietude ou paz sempre eterna. O primeiro se prova da seguinte maneira: o que contém está, no que diz respeito ao conteúdo, em seu lugar natural, como o formativo ao que é formado, segundo se lê no quarto livro da *Física.* Mas no lugar natural de todo o universo está o primeiro céu, contendo em si todas as coisas; desta forma, se comporta, a respeito de todas as coisas, como o formativo a respeito do formável, comportando-se como causa. E como toda a força de uma causa é um raio que descende inteiramente da causa primeira, que é Deus, é evidente que aquele céu tem mais razão na causa, recebe mais da luz divina.

[26] E o segundo modo se prova da seguinte forma: tudo que se movo, o faz a causa de algo que não tem, e que é o fim de seu movimento, por exemplo o céu da Lua, que se move por uma parte de si que não tem esse lugar do qual se move. E como uma parte de si, não tendo alcançado um lugar (o que é impossível), se move até outro; assim resulta que sempre se move e nunca está em repouso, e [este movimento contínuo] é seu apetite. E o que digo a respeito do céu da Lua se deve aplicar a todos, exceto o primeiro. Tudo que se move, desta forma, é defeituoso e não tem todo o seu ser ao mesmo tempo. Desta forma, este céu, que não é movido por nenhum outro, tem em si e em quaisquer

de suas partes todo o que se pode ter de maneira perfeita, de modo que não precisa do movimento para sua perfeição: dado que toda perfeição irradia do Primeiro, que tem o sumo grau de perfeição, é claro que o primeiro céu recebe mais luz do Primeiro, que é Deus. Todavia, este argumento parece se opor ao anterior de tal modo que, de acordo com essa argumentação, absolutamente prova. Mas se considerarmos sua matéria, prova-se corretamente, uma vez que se trata de um sempiterno, no qual poderia haver um defeito sempiterno. De tal forma que, se Deus não deu de seu próprio movimento, é evidente que não haveria dado nem de sua própria matéria imperfeita. Por esta suposição, se mantém o argumento sobre a matéria, e de semelhante modo de arguir é como se diz: "se é homem, é risível", pois em todas as proposições reversíveis se mantém uma causa semelhante graças à matéria. Assim, nota-se que, quando se diz "neste céu que recebe mais luz", se entende que fala do Paraíso ou do Céu Empíreo.

[27] Examinados também estes argumentos, diz o Filósofo, de maneira precisa no primeiro livro do "*Sobre o céu*", que o céu "tem uma matéria tanto mais nobre que a das coisas inferiores, quanto mais distante destas que estão aqui". A essa questão também pode-se usar o que o Apóstolo diz aos efésos, referindo-se à Cristo: "o que sobe acima dos céus, para preencher-lo todo". É este o céu das delícias do Senhor, das quais diz Ezequiel contra Lúcifer: "Tu, imagem de semelhança, pelo de sabedoria e adornado com toda perfeição, esteve nas delícias do Paraíso de Deus".

[28] Então, pelo que disse antes, que esteve neste lugar do Paraíso, e continua dizendo que viu algumas coisas que não pode afirmar de quem descende. E explica isso, dizendo: "porque quanto tanto o entendimento aprofunda, em seu desejo, que é Deus, nossa memória não pode segui-lo". Para entender isso, é necessário saber que, nesta vida, o entendimento humano, a causa da naturalidade e semelhança que tem a respeito da substância intelectual separada, quando se eleva, o faz tanto que a memória falha ao retornar, por ter transcendido o modo propriamente humano de entender. E isto afirma o Apóstolo quando diz, falando aos coríntios: "Conheço um homem que - se corporalmente ou não só Deus saberá - foi raptado até o terceiro céu, e viu os arcanjos de Deus, dos quais ao homem não lhe é permitido falar". E isto que, depois de que seu entendimento transpassou, no ato de ascender, os limites da razão humana, não se lembrava do que tinha ocorrido ao seu redor. E isto também se vê em Mateus, onde os três discípulos caíram sobre seus rostos, e não explicaram nada depois do ocorrido, como se tivessem esquecido. E em Ezequiel se escreve: "Vi cair sob meu rosto". E se estes exemplos não são suficientes para os invejosos, que leiam Ricardo de São Vitor, no livro *Sobre a contemplação,* que leiam em Bernardo, no livro *Sobre a consideração*, que leiam Agostinho, no livro *Sobre a dimensão da alma,* e não invejarão mais. Mas se ainda latirem contra a disposição de semelhante elevação, atribuindo a ele um erro de que fala, que leiam Daniel e ali encontrarão que também Nabucodonosor viu, por graça divina, algumas coisas contra aqueles que erravam e as esqueceu. Mas "quem faz sair o Sol sobre bons e maus, e chove sobre justos e

pecadores", algumas vezes, com misericórdia, por arrependimento; outras, com severidade, para castigo, às vezes mais e menos, segundo lhe agrade, manifesta, seja como for, sua glória aos que vivem no erro.

[29] E logo viu, como diz, "algumas coisas que, ao lembrá-las, não sabe como e nem quer relatá-las". Não sabe porque se esqueceu; e não quer porque, ainda que se as recorde e as mantenha na memória, faltam-lhe, inclusive, palavras para tanto. Pois são muitas as coisas que vemos por meio do entendimento, para as quais faltam os signos vocais, como demonstrado por Platão de maneira satisfatória em seus livros por meio do uso de metáforas, pois muitas vezes viu, através de uma luz intelectiva, coisas que não pode explicar com suas próprias palavras.

[30] Assim, diz que revelará as coisas do reino celeste que pode conservar, e diz que estas são a matéria de sua obra. Quais e quantas são se verá ao longo da obra.

[31] Depois, quando diz: "Oh, Benigno Apolo", e seguintes, fazendo sua invocação. E esta se divide em duas partes: na primeira, pede invocando; na segunda, persuade Apolo por meio de sua invocação, prometendo-o alguma recompensa. E ali começa a segunda parte: "Oh, divina virtude". A primeira parte se divide em duas: na primeira pede a ajuda divina; na segunda, trata da necessidade de seu pedido, justificando, ali: "Até aqui outro julgo do Parnaso" etc.

[32] Este é o sentido geral da segunda parte do prólogo, e não o apresentarei em particular. Pois, urge-me a angústia dos assuntos familiares, a tal ponto que é necessário que eu deixe estas coisas e de outras, úteis para a República. Mas tenho esperança que sua Magnificência tenha outras oportunidades para acompanhar uma útil exposição.

[33] Da parte do desenvolvimento, que foi dividido oposta a todo o prólogo, não se falará nada agora, nem a respeito de sua divisão, nem a de seu sentido; apenas isto: que por todas as partes se procederá acendendo de céu a céu, e se tratará das almas beatas de cada orbe, e que a verdadeira beatitude reside no sentir o princípio da verdade, como se observa em João, onde diz: "Esta é a vida eterna, que conheçam a ti, Deus verdadeiro", etc; e por Boécio, no livro terceiro do *De Consolatione,* onde diz: "O fim é ver a ti". Daí que, para mostrar a glória da beatitude nestas almas, a elas, em tanto que vem toda a verdade se perguntam muitas coisas que tem grande deleite e utilidade. E porque, uma vez encontrado o princípio primeiro, quer dizer Deus, não há nada que se busque depois, pois o Alfa e o Ômega, quer dizer o princípio e o fim, tal como se mostra na visão de João, o tratado encerra em Deus mesmo, que é bendito por séculos e séculos.

REFERÊNCIAS

a. Fontes Primárias

ALIGHIERI, Dante. Ermenegildo Pistelli, “Epistole”. In: *Le opere di Dante*. Texto estabelecido pela Società Dantesca Italiana, Florença, 1921;

_____. *Opere di Dante*, vol. V. *Epistole, Egloge, Quaestio de Acqua et Terra*. Org. de Azzetta, Lucca; Baglio, Marco; Petoletti, Marco. Introdução de Andrea Mazzucchi. Salerno: Salerno Editrice, 2016;

_____. *Opere*, vol. II, edição dirigida por Marco Santagata, org. de Gianfranco Fioravanti, Claudio Giunta, Diego Quaglioni, Claudia Villa, Gabriella Albanese. Milão: Mondadori, 2014;

_____. *Opere Minori*, vol. I, org. de Giorgio Barberi Squarotti, Sergio Cecchin, Angelo Jacomuzzi e Maria Gabriella Stassi. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1983.

_____. *Opere Minori*, vol. II, org. de Fredi Chiappelli, Enrico Fenzi, Angelo Jacomuzzi e Pio Gaia. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1997.

b. Fontes Secundárias

CAMARGO, Martin. *Ars Dictaminis, Ars Dictandi.* Turnhout: Brepols, 1991.

MUHANA, Adma Fadul. “O gênero epistolar: diálogo *per absentiam*”. *Revista Discurso*, 31, 2000, São Paulo, p. 329-345.

GIBSON, Roy, MORRISON, Andrew. “Introduction: What is a Letter?” In: MORELLO, Ruth, MORRISON, Andrew (orgs.). *Ancient Letter: Classical & Late Antiquity Epistolography*. Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 2007.

MURPHY, James. *Rhetoric in the Middle Ages: A History of Rhetorical Theory from Saint Augustine to the Renaissance*. Londres/Los Angeles/Berkeley: University of California Press, 1981.

WITT, Ronald. “The arts of letter-writing”. In: MINNIS, Alastar, JOHNSON, Ian. *The Cambridge History of Literary Criticism*. Vol. II: *The Middle Ages*. Nova Iorque/Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Epístolas
de Dante Alighieri

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2024

Epístolas
de Dante Alighieri

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2024